

PRIMEIRO QUADRO



Ao subir o peno, a cena está quase às escuras. Apenas um jato de luz, da direita, lança alguma claridade sobre o cenário. Mesmo assim, após habituar a vista, o espectador identificará facilmente uma pequena praça, onde desembocam duas ruas. Uma à direita, seguindo a linha da ribalta, outra à esquerda, ao fundo, de frente para a platéia, subindo, enladeirada e sinuosa, no perfil de velhos sobrados coloniais. Na esquina da rua da direita, vemos a fachada de uma igreja relativamente modesta, com uma escadaria de quatro ou cinco degraus. Huma das esquinas da ladeira, do lado oposto, há uma vendola, onde também se vende café, refresco, cachapa, etc.; a outra esquina da ladeira é ocupada por um sobrado cuja fachada forma ligeira barriga pelo acúmulo de andares não previsto inicialmente. O alinhamento da ladeira é irregular e na fachada dos sobrados vêem-se alguns azulejos estregados pelo tempo. Enfim, é uma paisagem tipicamente baiana, da Bahia velha e colonial, que ainda hoje resiste à avalanche urbanística moderna.

Devem ser, aproximadamente, quatro e meia da manhã. Tanto a igreja como a vendola estão com suas portas cerradas. Vem de longe o som dos atabaques dum candomblé distante, no toque de Iansan. Decorrem alguns segundos até que Zé-do-Barro surja, pela rua da direita, carregando nas costas uma enorme e pesada cruz de madeira. A passos lentos, cansado, entra na praça, seguido de Rosa, sua mulher. Ele é um homem ainda moço, de 30 anos presumíveis, magro, de estatura média. Seu olhar é morto, contemplativo. Suas feições transmitem bondade, tolerância e há em seu rosto um "quê" de infantilidade. Seus gestos são lentos, preguiçosos, bem como sua maneira de falar. Tem barba de dois ou três dias e traja-se decotamente, embora sua roupa seja mal talhada e esteja amarrutada e suja de poeira. Rosa parece pouco ter de comum com ele. É uma bela mulher, embora seus traços sejam um tanto grosseiros, tal como suas maneiras. Ao contrário do marido, tem "saque quente". Égressiva em seu "sexy", revelando, logo à primeira vista, uma insatisfação sexual e uma ânsia recalcada de romper com o ambiente em que se sente sufocar. Veste-se como uma provinciana que vem à cidade, mas também como uma mulher que não deteja ocultar os encantos que possui.

Zé-do-Barro vai até o centro da praça e aí põe a sua cruz, equilibrando-a na base e num dos braços, como um cavalete. Está exausto. Banha o suor da testa.

ZÉ

(Olhando a igreja) É essa. Só pode ser essa. (Rosa para também, junto aos degraus, cansada, enfasiada e deixando já entrever uma revolta que se avoluma).

ROSA

E agora? Está fechada.

ZÉ

É cedo ainda. Vamos esperar que abra.

ROSA

Esperar? Aqui?

ZÉ

Não tem outro jeito.

ROSA

(Olha e com relutância vai sentar-se num dos degraus. Tira o sapato). Estava com cada bolha d'água no pé que dá medo.

ZÉ

Ei também. (Contorce-se num ritmo de sar. Depois uma das pernas do paletó). Ahô não os meus olhos estão em carne viva.

ROSA

(Convicto) Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei nessas.

ROSA

Então: se você não falou, podia ter botado; a santa não ia dizer nada.

ZÉ

Não era direito. Eu prometi trazer a cruz nas costas, como Jesus. E Jesus não usou almofadinhas.

ROSA

Não usou porque não deixaram.

ZÉ

Não, nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente emburalha o santo, perde o crédito. De outra vez o santo olha, consulta lá os seus assentamentos e diz: - Ah, você é o Zé-do-Burro, aquele que já me passou a perna! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro diabo, que o carregue, seu caloteiro dum figa! E tem mais: santo é como gringo, passou calote num, todos os outros ficam sabendo.

ROSA

Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta? Já não chega?...

ZÉ

Sei não... a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia. (Ele sobe um ou dois degraus Examina a fachada da igreja à procura de uma inscrição).

ROSA

Que é que você está procurando?

ZÉ

Qualquer coisa escrita... pra a gente saber se essa é mesmo a igreja de Santa Bárbara.

ROSA

E você já viu igreja com letreiro na porta, homem?

ZÉ

É que pode não ser essa...

ROSA

Claro que é essa. Não lembra que o vigário disse? Uma igreja pequena, numa praça, perto dum ladeira...

ZÉ

(Corre os olhos em volta) Se a gente pudesse perguntar a alguém...

ROSA

Nessa hora está todo o mundo dormindo. (Olha-o quase com raiva). Todo o mundo... menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas. (Levanta-se e procura convencê-lo) Escute, Zé... já que a igreja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar pra dormir. Você já pensou que beleza agora uma cama?...

ZÉ

E a cruz?

ROSA

Você deixava a cruz aí e amanhã, de dia...

ZÉ

Podem roubar...

ROSA

Quem é que vai roubar uma cruz, homem de Deus? Pra que serve uma cruz?

ZÉ

Tem tanta maldade no mundo. Era correr um risco muito grande, depois de ter quase cumprido a promessa. E você já pensou: se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. Sete léguas.

ROSA

Pra quê? Você aplicava à santa que tinha sido roubado, ela não ia fazer

ZÉ

É o que você pensa. Quando você vai pagar uma conta no armazém de dinheiro no caminho, o tacaõ perdoa a dívida? Uma oval



ROSA

Mas você já pagou a sua promessa, já trouxe uma cruz de madeira da igreja de Santa Bárbara, está aí a igreja de Santa Bárbara, está pronto. Agora, vamos embora.

ZÉ

Mas aqui não é a igreja de Santa Bárbara. A igreja é da porta pra dentro.

ROSA

Oxente! Mas a porta está fechada e a culpa não é sua. Santa Bárbara deve saber disso, que dinhe.

ZÉ

(Pensativo) Só se eu falasse com ela e explicasse a situação...

ROSA

Pois então... fale!

ZÉ

(Abre os olhos para o céu, redobradamente e chega a entreabrir os lábios, como se fosse dirigir-se à santa, mas perde a coragem) Não, não posso...

ROSA

Por quê, homem?! Santa Bárbara é tão sua amiga... Você não está em dia com ela?

ZÉ

Estou, mas esse negócio de falar com santo é muito complicado. Santo nunca responde em língua de ganto... não se pode saber o que ele pensa. E além do mais, isso também não é direito. Eu prometi levar a cruz até dentro da igreja, tenho que levar. Andei sete léguas. Não vou me sujar com a conta por causa de meio metro.

ROSA

E pra você não se sujar com a conta, eu vou ter que deitar no chão, no "hotel do padre". (Olha-o com raiva e vai deitar-se num dos degraus da escada da igreja) E se tudo isso ainda fosse por alguma coisa que valesse a pena...

ZÉ

Você pedia não ter vindo. Quando eu fiz a promessa, não falci eu você, só na cruz.

ROSA . . .

Agora você diz isso. Dicesse antes...

ZÉ

Não me lembrei. Você também não reclamou...

ROSA

Deu sua mulher. Tenho que ir pra onde você for...

ZÉ

Então...

Rosa ajeita-se da melhor maneira possível no degrau, encunado Zé-do-Burro, não menos cansado do que ele, faz um esforço sobre-humano para não adormecer. Cochila, não deixando guarda à sua cruz. Subitamente, irrompe na praça Marié e Donitão. Ela tem, na realidade, vinte e oito anos, um aparente mal da pele. Pinta-se com alguns ornamentos, mas mesmo assim não consegue esconder a tez amarelo-esverdeada. Possui ali uns traços de uma beleza doentia, uma beleza triste e suicida. Usa um vestido muito curto e dragado, já um tanto gasto e fora de moda, mas ainda de bom efeito visual. Seus gestos e atitudes refletem o conflito da mulher que quer libertar-se de uma tirania sua, no entanto, é incapaz de romper o seu equilíbrio psíquico - a exploração de que é vítima por parte de Donitão vem, em parte, satisfazer um instinto maternal frustrado. Há em seu amor e em seu aviltamento, em sua degradação voluntária, muito de sacrifício maternal, ao qual não falta, inclusive, um certo orgulho. Donitão é insensível a tudo isso. Ele é frio e brutal em sua "profissão". Encara a exploração a que submete Marié e outras mulheres, como um direito que lhe assiste, ou melhor, um dom que a natureza lhe concedeu, juntamente com seus atributos físicos. Em seu entender, sua beleza e seu vigor sexual, aliadas a um direito natural de subsistência, constituem



planamente seu modo de vida. É de estatura um pouco acima da média, feições de rosto regulares, cabelos escuros e lisos, olhos azuis, nariz reto e lábios sensuais e das narinas um tanto dilatadas. Veste-se sempre de branco, colarinho alto, botões de duas cores. Deceem a loquacidade, ela na frente, a passos rápidos. Ele a segue, como se viessem já de uma discussão.

DONITÃO

Espera. Não adianta andar depressa...

MARLI

É melhor discutirmos isso em casa.

DONITÃO

(Alcança-a e obriga a parar torcendo-lhe violentamente o braço) Não, vamos resolver aqui mesmo. Não tenho nada que discutir com você...

MARLI

(Lança-se de lado com um suspiro, mas seu rosto se contraí dolorosamente) Estúpido!

DONITÃO

Aiê, vamos deixar de mas-mas. Fasse pra cá o dinheiro.

MARLI

(Tira do bolso do vestido um sacro de notas e entrega a ele) Não podia esperar até chegar em casa?

DONITÃO

(Chega mais para perto do jato de luz e conta as notas, rapidamente) Só deu iguê?

MARLI

Só. A noite hoje não foi boa. Você viu, o "castelo" estava vazio.

DONITÃO

E aquele gaúcho que estava conversando com você quando cheguei?

MARLI

Uma boa conversa. Quería se frater comigo. Ficou mangando a noite toda e não se resolveu...

DONITÃO

(Aprende a bolsa da mão de Marli) Sua vaca!

Ela faz menção de dar-lhe umbofetão, ela corre e refugia-se atrás da cruz. Zé-do-Darre desperta do seu semi-somolência.

MARLI

Eu preciso desse dinheiro. Pra pagar o quarto, você sabe o...

DONITÃO

Não goste de ser tapado. Por quê não pediu?

MARLI

E você dava?

DONITÃO

Claro que não. (Guarda o dinheiro no carteira) Isso ia fazer falta no meu orçamento. Temhe compromissos e você não sabe que não goste de pedir dinheiro emprestado. É uma questão de fé.

MARLI

E eu, que faço pra pagar o quarto? Já devo dois meses e a dona não me olha nem de lado.

DONITÃO

(Indiferente) É um problema seu. Tenho muita coisa em que pensar.

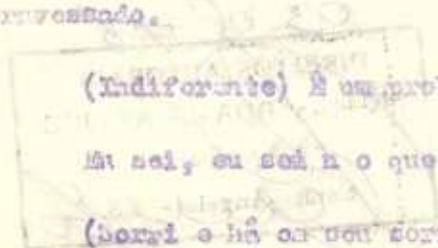
MARLI

Mãe sei, eu sei o que você pensa...

DONITÃO

(Marli e há um sorriso uma sombra de amargor) Pense, por exemplo, que você, de três meses pra cá, está fazendo muito pouco. A Natilde está fazendo quase o dobro...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025





MARLI

(Compreende a situação, avança para ela sacudida pelo ciúme e pelo pavor de perdê-lo) Ah não, você está dando em cima daquela arrogante. Ela mesma está dizendo.

DOMITÃO

Ela não deu em cima de mulher nenhuma, você sabe disso. É uma questão de princípios.

MARLI

Quer dizer que é ela quem está dando em cima de você?

DOMITÃO

Ela perguntou se eu estava precisando de dinheiro.

MARLI

(Ansiosamente) E você?...

DOMITÃO

Eu só pedi umas informações de ordens técnicas: arrecadação diária etc. ...

MARLI

(Agrupa-o freneticamente pelos braços) Domitão, você não aceitou o dinheiro de lá, aceitou? Você não aceitou o dinheiro daquela vagabunda!

DOMITÃO

(Olha-a fixamente) E que tinha, se aceitasse? Eu também preciso viver.

MARLI

Mas o que eu lhe dou não chega?

DOMITÃO

Você compreende, eu também tenho ambições. Se eu não tivesse qualidades, mas eu sei que tenho qualidades. É justo que viva de acordo com essas qualidades.

MARLI

Mas o que lá e daí? Eu não tenho lhe dado tudo que você me pede? Se for preciso, dou mais ainda. Não pense que é por medo de que você se largue pela habilitação, não. (Analisa sua roupa e admira-a, maternalmente) É porque tenho prazer em ver você vestido de com a roupa que eu dei, com os sapatos que eu comprei e com a carteira redonda de notas que eu ganhei pra você. Tenho orgulho, sabe?

DOMITÃO

(Desvanilha-se dela) Pois então veja se na próxima vez não esconde dinheiro. Tenho certeza de que a Habilitação não é capaz de um gesto feio desses.

MARLI

Ela é capaz de coisas muito piores. Se você quiser, eu lhe conto...

DOMITÃO

(Bruscamente) Não quero ouvir nada. Quero é que você vá pra casa.

MARLI

(Decepcionada) Você não vai comigo?

DOMITÃO

Não, vou ficar um pouco mais por aqui. Vá na frente que daqui a pouco eu apareço por lá.

MARLI

(Resmungada) E o que é que você vai ficar fazendo na rua a uma hora dessas?

DOMITÃO

(Com muita seriedade) Ora, mulher, eu preciso trabalhar! (Acende um cigarro, abstraindo-se da presença de Marli, que o fita como um cão escurraçado pelo dono. Só então este se mostra indiferente com a cruz no meio da praça. Examina-a curiosamente e por fim dirige-se a Zé-do-Jureco) É sua?

Zé balança a cabeça em sinal afirmativo. Marli vai até à esquadra da igreja, senta-se num degrau, sem se incomodar com Rosa, deitada mais acima, tira os sapatos e massageia os dedos doloridos.



DONITÃO

(Nota a igreja, faz uma associação de idéias) Encomenda?

ZÉ

Não, promessa.

DONITÃO

(A princípio parece não entender, depois ri). Quando.

ZÉ

Não acho.

DONITÃO

Não falei por mal. Eu também sou meio devoto. Até uma vez fiz promessa pra Santo Antônio...

ZÉ

Casamento?

DONITÃO

Não, ela era casada.

ZÉ

E conseguiu a graça?

DONITÃO

Consegui. O marido passou uma semana viajando...

ZÉ

E o senhor pagou a promessa?

DONITÃO

Não, pra não comprometer o santo.

ZÉ

Nunca se deve deixar de pagar uma promessa. Mesmo quando é dessas de comprometer o santo. Garanto que da próxima vez Santo Antônio vai se fingir de surdo. E tem razão.

DONITÃO

O senhor compreende, Santo Antônio ia ficar mal se soubessem que foi ele quem fez o trouxa viajar. (Nota que Harli ainda não se foi) Que é que você ainda está fazendo aí?

HARLI

Reparando você.

DONITÃO

(Vai a ela) Já lhe disse que vou depois. Vai ficar agora grudada em mim?

HARLI

(Levanta-se) Escute, Donitão... você não poderia deixar eu ficar ao menos com aquela nota?

DONITÃO

Já lhe disse que não. Não insista.

HARLI

Mas eu preciso pagar o quarto!

DONITÃO

O quarto é seu, não é meu.

HARLI

Mas o dinheiro é meu. É justo que eu fique no quarto com ninguém.

DONITÃO

É justo por quê?

HARLI

Porque fui eu que trabalhei.

DONITÃO

E desde quando trabalhar dá direito a alguma coisa? Quem li e notou na cabeça essas idéias? (Olha-a de cima a baixo, com desconfiança) Está virando comunista!

Harli fita-o com ódio e sai bruscamente pela direita. Donitão acompanha-a com o olhar e depois sorri, tira o dinheiro do bolso e torna a contá-lo.

ZÉ

(Candidamente) Esse dinheiro... é dela mesmo?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone 226.0242 - CEP 90020-025



DONITÃO

(Guarda o dinheiro) Bem, esta é uma maneira de olhar as coisas. E cada coisa tem pelo menos duas maneiras de ser olhada. Uma de lá pra cá, outra de cá pra lá. Entendeu?

ZÉ

Não...

DONITÃO

Não vale a pena explicar. É uma questão de sensibilidade.

ZÉ

O senhor é... marido dela?

DONITÃO

Não, sou assim uma espécie de fiscal do imposto de renda. (Sobe, como se fosse sair, mas se detém diante de Rosa, cujo vestido, levantado, deixa ver um palmo de coxa).

ROSA

(Abre os olhos, sentindo que está sendo observada) Que é?

DONITÃO

Nada... estava só olhando...

Rosa conserta o vestido.

DONITÃO

Não deve ser lá muito confortável usar crua...

Rosa olha-o com raiva.

DONITÃO

(Olha-a mais detidamente) E olhe que você tem moreca coisa melhor.

ROSA

Diga isso a ele (Aponta Zé-do-Duro).

DONITÃO

A ele?

ROSA

Meu marido,

DONITÃO

Ah, você também veio pagar promessa...

ROSA

Eu não, ele. E por causa dele estou dormindo aqui, no batente de uma igreja, como qualquer mendigo. (Senta-se).

ZÉ

Não deve faltar muito pra abrir a igreja. O senhor sabe que horas são?

DONITÃO

(Consulta o relógio) Um quarto para as cinco.

ZÉ

Sabe a que horas abre a igreja?

DONITÃO

Não, não é bem o meu ramo...

ZÉ

Mas às seis horas deve ter missa. Hoje é o dia de Santa Bárbara...

ROSA

(Resentida) Às seis horas. Tenho que agüentar mais de uma hora ain da neste batente duro. E a promessa não é minha!

DONITÃO

É capaz da porta da sacristia já estar aberta.

ZÉ

O senhor acha?



Padre acorda cedo...

DOMITÃO

ZÉ

Às cinco horas?

DOMITÃO

Então, tem que se preparar para a missa das seis.

ZÉ

É verdade...

DOMITÃO

Por quê o senhor não vai ver?

ZÉ

É... (Hesita um pouco).

DOMITÃO

A porta é do lado de lá...

ZÉ

Rosa, você vigia a cruz, eu vou dar a volta... não deixo. (Sai)

DOMITÃO

Pode ir sem susto que eu ajudo a tomar conta de sua cruz... (Depois que Zé-de-Barro sai) das duas.

ROSA

Só que uma ele carrega nas costas e a outra se quiser que vá atrás dele. (Levanta-se).

DOMITÃO

E você não é mulher para andar atrás de qualquer homem... ao contrário, é um cruz que qualquer um carrega com prazer...

ROSA

(Com respeito, mas no fundo envidescido) Ora, me deixe.

DOMITÃO

Palavra. Seu marido não lhe faz justiça. Isso não é trato que se dá a uma mulher... mesmo quando mulher da gente.

ROSA

Se ele faz pouco de mim, faz pouco do que é dele.

DOMITÃO

Não discute. Só acho que você não é mulher para dormir ao abrigo de igreja. Tem qualidades para exigir mais: boa cama, com colchão e melhor companhia.

ROSA

Não fale na cama pra quem tem o corpo esido, como eu.

DOMITÃO

Tão cansada assim?

ROSA

Dois noites sem dormir, sete léguas no calçado...

DOMITÃO

Sete léguas? Quantos quilômetros?

ROSA

Sei lá... só sei que sete vezes envidesci aquele dia em que fui roubar o juízo com ele no rodo dos padres...

DOMITÃO

Ah, foi assim...

ROSA

A gente faz cada besteira...

DOMITÃO

Quanto tempo faz?

ROSA

Oito anos...

DOMITÃO

E você casou com ele?

ROSA

Casou.



Oito anos...

ROSA

E você casou com ele?

BONITÃO

Casou.

ROSA

Sen gostar?

BONITÃO

ROSA

(Depois de um tempo) Gostava, sim, sabe, na roça, o homem é feio, magro, sujo e mal vestido. Ele até que era dos melhores. Tinha um sítio...

BONITÃO

E daí?

ROSA

Daí, eu chei que ele garantia tudo que eu queria da vida: honra e casa. A gente quando é franga, com licença da palavra, tem merda na cabeça.

BONITÃO

(Algo interessado) Ele tem um sítio, é?

ROSA

Tinha, agora tem só um pedaco. Dividiu o resto com os lavradores pobres.

BONITÃO

Por quê?

ROSA

Fazia parte da promessa.

BONITÃO

Que é que está esperando? Virar esperto?

ROSA

Não brinque. Pelo caminho tinha um porco de gente querendo que ele fizesse milagre. E não duvide. Ele é capaz de acabar fazendo. Se não fosse a hora, garanto que tinha uma romaria aqui, atrás dele.

BONITÃO

Depois de cumprir a promessa, ele vai voltar pra roça?

ROSA

Vai.

BONITÃO

E você?

ROSA

Também. Por quê?

BONITÃO

Se você viesse pra cidade, eu podia lhe garantir um bonito futuro...

ROSA

Fazendo o quê?

BONITÃO

Isso depois do via...

ROSA

Eu não sei fazer nada.

BONITÃO

(Se aproxima por um braço) Mulheres como você não precisam saber coisa alguma, a não ser o que a natureza ensinou...

Rosa puxa o braço bruscamente, depois de manter, por alguns segundos, um olhar de desafio.

ROSA

Não faça isso! Ele pode voltar de repente.

BONITÃO



DONITÃO

Ela deve ter ido acordar o padre. (Volta a aproximar-se dela).

ROSA

(Desvencilha-se dele novamente) Me solte. (Volta a sentar-se na escada) Eu queria era dormir. Dava a vida por uma cama... com um lençol branco... e uma toalha de banho quente onde meter os pés,

DONITÃO

Eu posso lhe arranjar um hotelaquinho aqui perto...

Receba-lhe um olhar hostil.

DONITÃO

Isso sem segundas intenções... só pra você dormir, descansar dessa rosaria.

ROSA

Não quero me meter em encrencas.

DONITÃO

Não há nenhum perigo de encrencas. Sou muito cotado com o porteiro do hotel. Tenho boas relações com a polícia. Nesta zona, todos respeitam o Donitão.

ROSA

(Quase acasualmente) Emitão...

... DONITÃO

(Vaidoso) É um apelido...

ROSA

(Olha-o de cima a baixo).

DONITÃO

(Senta-se junto dela).

ROSA

Não chegue perto, estou muito suada.

... DONITÃO

No hotel tem banheiro... para quem andou pelo lagoão, um banheiro douveiro e de pois uma cama com colchão de mola...

ROSA

Colchão de mola mesmo?

... DONITÃO

Então...

ROSA

Nunca dormi num colchão de mola. Deve ser bom.

DONITÃO

Uma delícia...

Entra Zô-do-Barro pela direita. Donitão levanta-se.

ZÔ

Tudo fechando. Tem jeito não.

ROSA

(Revoltado) É eu que aguento os e batente duro até Deus sabe lá que horas.

SE

Paciência, Rosa. Sem sacrifício fica valendo.

ROSA

Pra quem? Pra Santa Bárbara? Eu não fiz promessa nenhuma.

ZÔ

Ozente! Melhor ainda. Ananã, quando você fizer, a santa já está lhe devendo!

ROSA

Nunca vi santo pagar dívida. (Volta a deitar-se no degrau).

BONITÃO

(Assumindo um ar tão eclesiástico quanto possível) A senhora faz mal em ser tão descrente. Quem sabe se Santa Barbara já não está providenciando o pagamento dessa dívida? E quem sabe se não escolheu a mim pra pagador?

ZÉ

(Muito Ingenuamente) O senhor não era fiscal do imposto de renda? Agora é pagador de Santa Barbara ...

BONITÃO

Meu caro, com o custo de vida aumentando dia a dia, a gente tem que se virar. Mas não é esse o caso. Digo que Santa Barbara já deve estar tratando de liquidar o débito hoje contraído com sua senhora, porque me fez passar por aqui esta noite.

ZÉ

Não vejonada de mais nisso

BONITÃO

Porque o senhor não sabe que eu posso, em cinco minutos, arranjar um boa cama, com colchão de mola, num hotel perto da qui.

ZÉ

Pra ela?

BONITÃO

E pro senhor também.

ZÉ

Eu não posso. Tenho que esperar abrir a igreja. Se soubesse que não iam roubar a cruz ...

BONITÃO

(Rapidamente) Oh, não, a cruz não deve ficar sozinha. Esta zona está cheia de ladrões. A cruz é de madeira e a madeira está caríssima.

ZÉ

É o que eu acho. Não deu sair daqui.

BONITÃO

Mas eu posso ficar tomando conta, enquanto o senhor e sua senhora vão descansar.

ZÉ

O senhor?

BONITÃO

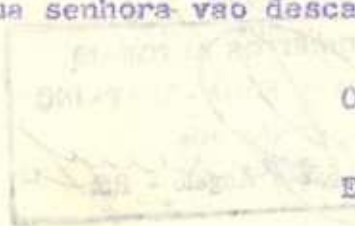
E por que não?

ZÉ

Mas a igreja pode demorar a abrir. Pelo menos uma hora ainda.

BONITÃO

Eu espero. Sua esposa me contou a caminhada que fizeram, o senhor carregando nas costas essa cruz através de léguas e léguas, para cumprir uma promessa. Isso me comoveu.





Mas não é justo. Não foi o senhor quem fez a promessa.
messa.

ROSA

Ele está querendo ajudar, Zé.

ZÉ.

Mas não é direito. Eu prometi cumprir a promessa sózinho, sem ajuda de ninguém. E essa história de dormir no hotel não está no trato.

BONITÃO

E sua senhora está no trato?

ZÉ.

Rosa? Não, ela pode ir.

BONITÃO

nesse caso, se quiser que eu leve sua senhora... ao menos ela descansa enquanto espera pelo senhor.

ZÉ

Você quer, Rosa? Quer ir esperar por mim no hotel? (Volta-se para Bonitão) É hotel decente?

BONITÃO

(Fingindo-se ofendido) Ora, o senhor acha que ia indicar ...

ZÉ

Desculpa , é que sempre ouvi dizer que aqui na cidade ...

BONITÃO

Pode confiar em mim.

ZÉ

É longe daqui?

BONITÃO

Não , basta subir aquela ladeira...

ZÉ

Que é que você diz, Rosa?

ROSA

(Percebendo o jogo de Bonitão) Quero não, Zé. Prefiro ficar aqui com você.

ZÉ

Inda agora mesmo você estava se queixando.

BONITÃO;

Não é pra menos. Deve estar exausta. Sete léguas.

ZÉ.

Afinal de contas, você tem razão, a promessa é minha, não é sua. Vá com o moço, não tenha escanhamento.

BONITÃO

Eu vou com ela até lá, apresento ao porteiro que é meu conhecido - sim , porque uma mulher sozinha, o senhor sabe ,

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

eles não deixam entrar - depois eu volto para lhe dizer o número do quarto. Daqui a pouco, depois de cumprir a sua promessa, o senhor vai embora.

ZÉ

Se senhor fizesse isso, era um grande favor. Eu não posso me afastar daqui.

BONITÃO

Vem deve, Primeiro, Santa Bárbara.

ROSA

Zé, é melhor eu ficar com você ...

ZÉ

Pra que, rosa? Assim você vai logo descansar numa boa cama, não precisa ficar aí deitada nesse batente frio ...

BONITÃO

Um perigo! Pode pegar uma pneumonia.

ROSA

(Inicia a saída. Para, hesitante. Pressente o perigo que vai correr. Procura, com o olhar, fazer o Zé-do-Burro compreender o seu receio) Zé ...

ZÉ

Ahn, sim. (Enfia a mão no bolso, tira um maço de notas) Pode ser que precise pagar adiantado ...

ROSA

(Recebe o dinheiro. Encara o marido) Talvez seja melhor, depois de entregar a cruz, você mandar também rezar uma missa em ação de graças ...

ZÉ

(Sem entender o alcance da sugestão) é, não é má idéia.

Rosa sobe a ladeira e Bonitão a segue.

BONITÃO

(Saindo) Volto num minuto.

ZÉ

Está bem.

(SENTA-se ao pé da cruz e procura uma maneira de apoiar o corpo sobre ela. Aos poucos, é vencido pelo sono. As luzes se apagam em resitência)

SEGUNDO QUADRO

As luzes voltam e acender-se, lentamente, até dia claro. Ouvem-se, distantes, ruídos esparsos da cidade que acorda. Um ou outro buzinar de carro, foguetes estouram saudando Iansã, a Santa Bárbara nagô, e o sino da igreja começa a chamar para a missa das seis.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Mas nada disso acorda Zé-do-Burro. Entra pela ladeira, a Beata, moço de preto, vê na cabeça, passinho miúdo, vem apressada, como se tivesse cogitar atrasada. Passa por Zé-do-Burro e a cruz sem notá-los. Para diante da escada resmungá



BEATA.

Porta fechada. É sempre assim. A gente corre, com medo de chegar atrasada e quando chega aqui a porta está fechada. Por que não abrem primeiro a porta, pra depois tocar o sino? Não, primeiro tocam o sino, depois abrem a porta. Isso é esse sacristão. (Para de resmungar ao ver a cruz. Ajeita os óculos, como se não acreditasse no que está vendo. Aproxima-se e examina detalhadamente a cruz e o seu dono adormecido. Sua expressão é de maior estranheza) Virgem Santíssima!

Neste momento, abre-se a porta da igreja e surge o Sacristão. É um home de perto de 50 anos. Sua mentalidade, porém, anda aí pelos quatorze. Usa óculos de grossas lentes, é miome. O cabelo teima em cair-lhe na testa, acentuando a aparência de retardado mental. Ele aparece bêbado de sono. Boceja largamente, ruidosamente depois de abrir a primeira banda da porta. Espreguiça-se e solta um longo gemido. Depois que abre toda a porta, encosta-se por um momento no portal e cochila, sem dar pela Beata, que se aproxima.

BEATA

(Dá-lhe uma leve cotovelada) Ei, rapaz...

SACRISTÃO

(Desperta muito assutado) Sim, padre, já vou!...

BEATA

Que padre coisa nenhuma ... Teatro de Arara

SACRISTÃO

Ah, é a senhora ...

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

BEATA

Vou me queixar ao Padre Olavo dessa sua mania de bater o sino antes de abrir a porta da igreja. Eu ouço o toque, venho pondo as tripas pela boca, chego aqui, e a porta ainda está fechada.

SACRISTÃO

Também por que a senhora vem logo na missa das seis? Por que não vem mais tarde?

BEATA

(Alcristada) Porque quero. Porque não é da sua conta. (Aponta para a cruz) Que é isso?

SACRISTÃO

Isso o que?

BEATA

Está vendo não? uma cruz enorme no meio da praça.



SACRISTÃO

(Apura a vista) Ah, sim... agora percebo... é uma cruz de madeira...
co que há um homem dormindo junto dela...

BEATA

Vista prodigiosa a sua! Claro que é uma cruz de madeira e que há um homem
junto dela. O que eu quero saber é a razão disso.

SACRISTÃO

Não sei... como quer que eu saiba? Por que a senhora não pergunta a ele?

BEATA

(Bruscamente) Eu é que não vou perguntar coisa nenhuma!

SACRISTÃO

Talvez ele tenha desgarrado da procissão...

BEATA

Que procissão? De Santa Bárbara? A procissão ainda não saiu. E já viu alguém
carregar cruz em procissão? Hei na do Senhor Morto. (Bansa-se e entra apressadamen-
te na igreja).

O Sacristão aproxima-se de Zé-do-Barro, curioso. É quando entra Bonitão, pe-
la ladeira. Ele vê a igreja aberta, estranha.

BONITÃO

Ocidente...

SACRISTÃO

(Olha-o aparvalhado) É uma cruz mesmo...

BONITÃO

É que pensou você que fosse? Um canhão? (Aproxima-se de Zé-do-Barro) Sono de
pedra... não acordou nem com os foguetes de Santa Bárbara. Disse que é assim que
dormem as pessoas que têm a consciência tranqüila e a alma leve... (Cínico) Eu tam-
bém sou assim, quando caio na cama é um sono só. (Sacode Zé-do-Barro) Camarado...
oh, meu camarado!...

ZÉ

(Desperta) Oh, já é dia...

BONITÃO

Já. E a igreja já está aberta, você pode entregar o carroto.

ZÉ

(Levanta-se, com dificuldade, os músculos adormecidos e doloridos) É verdade...

BONITÃO

Eu voltei aqui pra lhe dizer o número do quarto de sua mulher. É o 27. Um
bon quarto, no segundo andar. (Apressadamente) Pelo menos foi o que o porteiro me ga-
rantiu.

ZÉ

Ah, obrigado...

BONITÃO

O hotel é aquele ali, o primeiro, logo depois de subir a ladeira e dobrar à
direita. Hotel Ideal. Eu demorei um pouco porque fiquei jogando damas com o porteiro.

SACRISTÃO

(Vivamente interessado) Ganhou?

BONITÃO

Empatamos.

SACRISTÃO

Ah, eu também sou louco por damas!

BONITÃO

(Examina-o de cima a baixo) Francamente, ninguém diz...
Padre Olavo surge na porta da igreja.



SACRISTÃO

(Como se tivesse sido surpreendido em falta) Padre Olavo!...

ZÉ

Preciso falar com ele...

Sacristão dirige-se apressadamente à igreja. Para na porta, ante o olhar intimidador de Padre Olavo. É um padre moço ainda. Deve contar, no máximo, quarenta anos. Sua convicção religiosa aproxima-se do fanatismo. Talvez, no fundo, isto seja uma prova de falta de convicção e autodefesa. Sua intolerância - que o leva, por vezes, a chocar-se contra princípios de sua religião e a confundir com inimigos aqueles que estão de seu lado - não passa, talvez, de uma couraça com que se mune contra uma frequência consciente.

PADRE

(Para o Sacristão) Que está fazendo aí?

SACRISTÃO

(À guisa de defesa) Estava conversando com aqueles homens.

PADRE

E eu lá dentro à sua espera para ajudar à missa. (Repara em Bonitão e Zé-do-Burro) Quem são?

SACRISTÃO

Não sei. Um deles quer falar com o senhor.

ZÉ

(Adianta-se) Sou eu, Padre. (Inclina-se, respeitoso e beija-lhe a mão).

PADRE

Agora está na hora da missa. Mais tarde, se quiser...

ZÉ

É que eu vim de muito longe, Padre. Andei sete léguas...

PADRE

Sete léguas? Para falar comigo?

ZÉ

Não, pra trazer esta cruz.

PADRE

(Olha a cruz, detidamente) E como a trouxe... num caminhão?

ZÉ

Não, Padre, nas costas.

SACRISTÃO

Expandindo infantilmente a sua admiração) Menino!

PADRE

(Lança-lhe um olhar enérgico) Paiu! Cale a boca, (Seu interesse por Zé-do-Burro cresce) Sete léguas com essa cruz nas costas. Deixe var seu ombro.

Zé-do-Burro despe um lado do paletó, abre a camisa e mostra o ombro. Sacristão espicha-se todo para ver e não esconde a sua impressão.

SACRISTÃO

Está em carne viva!

PADRE

(Parece satisfeito com o exame) Promessa?

ZÉ

(Balança afirmativamente a cabeça) Pra Santa Bárbara, estava esperando abrir a igreja...

SACRISTÃO

Deve ter recebido dela uma graça muito grande!

Padre faz um gesto nervoso para que o Sacristão se cale.

ZÉ

Graças a Santa Bárbara, a morte não levou o meu melhor amigo.



PADRE

(Padre parece meditar profundamente sobre a questão) Mesmo assim, recebo um tanto exagerada a promessa? É um tanto pretenciosa também?

ZÉ

Nada disso, seu Padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem que pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por aí. Mas comigo, não. É toma lá, dá cá. Quando Nicolau adoeceu, o senhor não calcula como eu fiquei.

PADRE

Foi por causa desse... Nicolau, que você fez a promessa?

ZÉ

Foi. Nicolau foi ferido, seu Padre, por uma árvore que caiu, num dia de tempestade.

SACRISTÃO

Santa Bárbara! A árvore caiu em cima dele?!

ZÉ

Só um galho, que bateu de raspão na cabeça. Mas chegou em casa, escorrendo sangue de meter medo! Eu e minha mulher tratamos dele, mas o sangue não havia meio de estancar.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PADRE

Uma hemorragia.

ZÉ

Só estancou quando eu fui no curral, peguei um bocado de bosta de vaca e coloquei em cima do ferimento.

PADRE

(Enojado) Mas seu filho, isso é atraso! Uma porcaria!

ZÉ

Foi o que o doutor disse quando chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida, que senão Nicolau ia morrer.

PADRE

Sem dúvida.

ZÉ

Eu tirei. Ele limpou bem a ferida e o sangue voltou que parecia uma cachoeira. E quêde que o doutor fazia o sangue parar? Enxovava algodão e mais algodão e nada. Era uma sangueira que não agia mais. Lá pelas tantas, o homenzinho virou para mim e gritou: corre, homem de Deus, vai buscar mais bosta de vaca, senão ele morre!

PADRE

E... o sangue estancou?

ZÉ

Na hora. Pois é um santo remédio. Seu vigário sabia? Não sendo de vaca, de cavalo castrado também serve. Mas há quem prefira teia de aranha.

PADRE

Adiante, adiante. Não estou interessado nessa medicina.

ZÉ

Bem, o sangue estancou. Mas Nicolau começou a tremer de febre e no dia seguinte aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido: eu saí de casa e Nicolau ficou. Não pôde se levantar. Foi a primeira vez que isso aconteceu, em seis anos: eu saí, fui fazer compras na cidade, entrei no Bar do Jacob pra tomar uma cachadinha, passei na farmácia de "seu" Zequinha pra saber das novidades - tudo isso sem Nicolau. Todo mundo reparou, porque quem quisesse saber onde eu estava, era só procurar Nicolau. Se eu ia na missa, ele ficava esperando na porta da igreja...

PADRE

Na porta? Por que ele não entrava? Não é católico?



ZÉ

Tendo uma alma tão boa, Nicolau não pode deixar de ser católico. Mas não por isso que ele não entra na igreja. É porque o vigário não deixa. (Com grande tristeza) Nicolau teve o azar de nascer burro... de quatro patas.

PADRE

Burro?! Então esse... que você chama de Nicolau, é um burro?! Um animal?!

ZÉ

Meu burro... sim senhor.

PADRE

E foi por ele, por um burro, que fez essa promessa?

ZÉ

Foi... é bem verdade que eu não sabia que era tão difícil achar uma igreja... de Santa Bárbara, que ia precisar nadar sete léguas pra encontrar uma, aqui na Bahia...

BONITÃO

(Que assistiu a toda a cena, um pouco afastado, solta uma gargalhada grosseira) Ele se estrepou...

Padre Clavo olha-o, surpreso, como se só agora tivesse notado a sua presença. Bonitão pára de rir quase de súbito, desarmado pelo olhar enérgico do padre.

ZÉ

Mas mesmo que soubesse, eu não deixava de fazer a promessa. Porque quando vi que nem as rezas do preto Zeferino davam jeito...

PADRE

Rezas?! Que rezas?!

ZÉ

Seu vigário me desculpe... mas eu tentei de tudo. Preto Zeferino é rezador afamado na minha zona: Sarna de cachorro, bicheira de animal, peste de gado, tudo isso ele cura com duas rezas e três rebiscoes no chão. Todo o mundo diz... e eu mesmo, uma vez, estava com uma dor de cabeça danada, que não havia meio de passar... Chamei preto Zeferino, ele disse que eu estava com o Sol dentro da cabeça. Botou uma toalha na minha testa, derramou uma garrafa d'água, rezou uma oração, o sol saiu e eu fiquei bom.

PADRE

Você fez mal, meu filho. Essas rezas são orações do demô.

ZÉ

Do demô, não senhor.

PADRE

Do demô, sim. Você não sabe distinguir o bem do mal. Todo homem é assim. Vive atrás do milagre em vez de viver atrás de Deus. E não sabe se caminha para o céu ou para o inferno.

ZÉ

Para o inferno? Como pode ser, Padre, se a oração fala em Deus? (Recita) "Deus fez o Sol, Deus fez a luz, Deus fez toda a claridade do Universo grandioso. Com sua Graça eu te benzo, te curo. Vai-te Sol, da cabeça desta criatura para as ondas do Mar Sagrado, com os santos poderes do Padre, do Filho e do Espírito Santo". Depois rezou um Padre Nosso e a dor de cabeça sumiu no mesmo instante.

SACRISTÃO

Incrível!

PADRE

Meu filho, esse homem era um feiticeiro.

ZÉ

Como feiticeiro, se a resa é pra curar?

PADRE

Não é para curar, é para tentar. E você caiu em tentação.



ZÉ

Beh, eu sô sei que fiquei bom. (Noutro tom) Mas com o Nicolau não houve resa que fizesse ele levantar. Preto Zeferino botou o pé na cabeça do coitado, disse uma porção de orações e nada. Eu já estava começando a perder a esperança. Nicolau de orelhas murchas, magro de se contar as costelas. Não comia, não bebia, nem queria mais com o rabo para espantar as moscas. Eu vi que nunca mais ia ouvir os passos dele me seguindo por toda a parte, como um cão. Até me puseram um apelido por causa disso: Zé-do-Burro. Eu não me importo. Não acho que seja ofensa. Nicolau não é um burro como os outros. É um burro com alma de gente. E faz isso por amizade, por dedicação. Eu nunca monto nele, prefiro andar a pé ou a cavalo. Mas de um modo ou de outro, ele vem atrás. Se eu entrar numa casa e me demorar duas horas, duas horas ele espera por mim, plantado na porta. Um burro desses, seu padre, não vale uma pro messa?

PADRE

(Secamente, contendo ainda a sua indignação) Adiante.

ZÉ

Poi então que comadre Múda me lembrou: porque eu não ia no candomblé de Maria de Iansan?

PADRE

Candomblé??

ZÉ

Sim, é um candomblé que tem duas línguas adinate da minha roça. (Com a consciência de quem cometeu uma falta, mas não muito grave) Eu sei que seu vigário vai ralar comigo. Eu também nunca fui muito de frequentar terreiro de candomblé. Mas o pobre Nicolau estava morrendo. Não custava tentar. Se não fizesse bem, mal não fazia. E eu fui. Conte pra Mãe-de-Santo o meu caso. Ela disse que era mesmo com Iansan, dos raios e das trovoadas. Iansan tinha ferido Nicolau... pra ela eu devia fazer uma obrigação, quer dizer: uma promessa. Mas tinha que ser uma promessa bem grande, porque Iansan, que tinha ferido Nicolau com um raio, não ia voltar atrás por qualquer bobagem. E eu me lembrei então que Iansan é Santa Bárbara e prometi que se Nicolau ficasse bom eu carregava uma cruz de madeira de minha roça até a Igreja dele, no dia de sua festa, uma cruz tão pesada como a de Cristo.

PADRE

(Como se anotasse as palavras) Tão pesada como a de Cristo. O senhor prometeu isso a...

ZÉ

A Santa Bárbara.

PADRE

A Iansan!

ZÉ

É a mesma coisa...

PADRE

(Grita) Não é a mesma coisa! (Controla-se) Mas continue.

ZÉ

Prometi também dividir minhas terras com os lavradores pobres, mais pobres que eu.

PADRE

Dividir? Igualmente?

ZÉ

Sim, padre, igualmente.

SACRISTÃO

E Nicolau... quero dizer, o burro, ficou bom?



ZÉ

Sarcou em dois tempos. Milagre. Milagre mesmo. No outro dia já es-
lha em pé, relinchando. E uma semana depois todo o mundo me apontava na rua. Lá
vai Zé-do-Burro com o burro de novo atrás!" (Ri) E eu nem dava confiança. E Nicolau
muito menos. Só eu e ele sabíamos do milagre. (Como que retificando) Ela, ela e
Santa Bárbara.

PADRE

(Procurando inicialmente controlar-se) Em primeiro lugar, mesmo admitindo a
intervenção de Santa Bárbara, não se trataria de um milagre, mas apenas de uma gra-
ça. O burro podia ter-se curado sem intervenção divina.

ZÉ

Como, Padre, se ele sarou de um dia pro outro...

PADRE

(Como se não o ouvisse) E além disso, Santa Bárbara, se tivesse de lhe con-
ceder uma graça, não iria fazê-lo num terreiro de candoblê!

ZÉ

É que na capela do meu povoado não tem uma imagem de Santa Bárbara. Mas no
candoblê tem uma imagem de Iansan, que é Santa Bárbara...

PADRE

(Explodindo) Não é Santa Bárbara! Santa Bárbara é uma santa católica! O se-
nhor foi a um ritual fetichista. Invocou uma falsa divindade e foi a ela que prome-
teu esse sacrifício!

ZÉ

Não, Padre, foi a Santa Bárbara! Foi até a igreja de Santa Bárbara que prome-
ti vir com a minha cruz! E é diante do altar de Santa Bárbara que vou cair de joelhos
daqui a pouco, pra agradecer o que ela fêz por mim!

PADRE

(Dá alguns passos de um lado para outro, de mão no queixo e por fim dotem-se
diante de Zé-do-Burro, em atitude inquisitorial) Muito bem. E que pretende fazer de
pois... depois de cumprir a sua promessa?

ZÉ

(Não entendeu a pergunta) Que pretendo? Voltar pra minha roça, em paz com a
minha consciência e quite com a santa.

PADRE

Só isso?...

ZÉ

Só...

PADRE

Tem certeza? Não vai pretender ser olhado como um novo Cristo?

ZÉ

Eh?!?

PADRE

Sim, você. Você que acaba de repetir a Via Crucis, sofrendo o martírio de
Jesus. Você que, presunçosamente, pretende imitar o Filho de Deus...

ZÉ

(Humildemente) Padre... eu não quis imitar Jesus...

PADRE

(Corria terrível) Mentira! Eu gravei suas palavras? Você mesmo disse que pro-
meteu carregar uma cruz tão pesada quanto a de Cristo.

ZÉ

Sim, mas isso...

PADRE

Isso prova que você está sendo submetido a uma tentação ainda maior.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ZÉ

Qual, Padre?

PADRE

A de igualar-se ao Filho de Deus.

ZÉ

Não, Padre.

PADRE

Por quê então repete a Divina Paixão? Para salvar a humanidade? Não, para salvar um burro?

ZÉ

Padre, Nicolau...

PADRE

É um burro com nome cristão! Um quadrúpede, um irracional! A Beata sai da igreja e fica assistindo à cena do alto da escada.

ZÉ

Mas Padre, não foi Deus quem fez também os burros?

PADRE

Mas não à Sua semelhança. E não foi para salvá-los que mandou seu Filho. Foi por nós, por você, por mim, pela Humanidade!

ZÉ

(Angustiadamente tenta explicar-se) Padre, é preciso explicar que Nicolau não é um burro comum... o senhor não conhece Nicolau, por isso... é um burro com alma de gente...

PADRE

Pois nem que tenha alma de anjo, nesta igreja você não entrará com essa cruz! (Dá as costas e dirige-se à igreja. O sacristão trata logo de segui-lo).

ZÉ

(Em desespero) Mas Padre... eu prometi levar a cruz até o altar-mor! Preciso cumprir a minha promessa!

PADRE

Fizeste-a então numa igreja. Ou em qualquer parte, menos num antro de feitiçaria.

ZÉ

Eu já expliquei...

PADRE

Não se pode servir a dois senhores, a Deus e ao diabo!

ZÉ

Padre...

PADRE

Um ritual pagão, que começou num terreiro de candomblé, não pode terminar na nave de uma igreja!

ZÉ

Mas Padre, a igreja...

PADRE

A igreja é a casa de Deus. Candomblé é o culto do diabo!

ZÉ

Padre, eu não andei sete léguas para voltar daqui. O senhor não pode impedir a minha entrada. A igreja não é sua, é de Deus!

PADRE

Vai desrespeitar a minha autoridade?

ZÉ

Padre, entre o senhor e Santa Bárbara, eu fico com Santa Bárbara,



-22-

PADRE

(Para o Sacristão) Feche a porta. Quem quiser assistir à missa que entre pela porta da sacristia. Lá não dá para passar essa cruz. (Entra na igreja)

A Beata entra também apressadamente, atrás do padre.

O Sacristão, prontamente, começa a fechar a porta da igreja, enquanto Zé-do-Burro, no meio da praça, nervos tensos, olhos dilatados, numa atitude de incompreensão e revolta, parece disposto a não arredar pé dali. Bonitão, um pouco afastado, observa, tendo nos lábios um sorriso irônico. A porta da igreja se fecha de todo, enquanto um foguetório tremendo saúda Lencem.

CAI O PAPO LENTAMENTE.

Teatro de Arena

Av. Barges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SEGUNDO
ATO



PRIMEIRO QUADRO

Aproximadamente, duas horas depois, abriu-se a vendola e o Galego aparece trepado num caixote, amarrando um cordão com bandeirolas vermelhas e brancas que vai da porta da venda ao sobrado do lado oposto. Zé e sua cruz continuam no meio da praça. Ouve-se um pregão: "Eei-jú... olha o bei-jú!" Logo após, surge no alto da ladeira uma preta em trajes típicos, com um tabuleiro na cabeça. Ela desce a ladeira e no passar pelo Galego saúda.

MINHA TIA

Iansan lhe dê um bom dia.

GALEGO

(Espanhol) Graças, Minha Tia.

Minha Tia vai até à igreja e aí, junto dos degraus, pára.

MINHA TIA

(Para o Galego) Quer vir aqui dar uma mãozinha pra sua tia, meu branco?

Galego apressa-se a ir ajudá-la. Retira primeiro o cavalete que está sobre o tabuleiro, abre-o, depois ajuda-a a tirar o tabuleiro da cabeça e colocá-lo em cima do cavalete.

MINHA TIA

Santa Bárbara lhe pague. (Nota Zé-do-Barro) Orento! Que é aquilo?

GALEGO

Não sei. Já estava só quando abri a venda. Parece maluco. (Volta a preparar as bandeirolas, enquanto Minha Tia põe-se a arrumar o fogareiro, procura acomodá-lo).

Desce a ladeira, passo mole, preguiçoso, Dedê Cospe-Rima. Malato, cabelereiro pizain, sob o surrado chapéu de côco - um adorno necessário à sua profissão de poeta-comerciante. Traz, em baixo do braço, uma enorme pilha de folhetos: abecês, romances populares em versos. E dois cartases, um no peito, outro nas costas. Num se lê: "ABC da Malata Esmeralda - uma obra prima" e no outro: "Saiu agora, tá fresco ainda! O que o cego Jeremias viu na lua".

DEDÊ

(declama)

Bom dia, Galego amigo!
dia assim eu nunca vi;
para saudar Iansan,
não repare eu lhe pedi:
me empreste por obséquio
dois dedos de parati.

GALEGO

É, com esta história de fazer versos, usted sempre me lava na conversa, (entra na venda e dá a volta por trás do balcão) É boa mesmo esse del cego Jeremias? (Serve o parati).

DEDÊ

(Bombástico, teatral) Uma epopéia. Uma nova Ilíada, onde Tróia é a lua e o cavalo de Tróia é o cavalo de São Jorge! (Tira um exemplar e coloca sobre o balcão) Um pago do parati.

GALEGO

Si, pero... vo prefiro la otra, la da mulata Esmeralda.

DEDÊ

Uma prova de bom gosto, Galego? (Troca os folhetos) É também uma obra prima. Lembra Castro Alves, modestia à parte. (Bebe o parati de um trago. Refere-se às bandeirinhas. Bandeirinhas vermelhas e brancas, as cores de Iansan. Depois diz que não crê em candomblé.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



GALEGO

Tô no creio, pero hay quez crea. E yo soy un comerciante...

DEDÊ

Somos dois! (Estende noventa e o cálice) Mais uma dose. Esta eu amanhã.
(Galego faz cara feia, mas enche de novo o cálice).

A Beate entra da direita e detém-se junto a Minha Tia, ao ver Zé-do-Barro.
Mostra-se surpresa e indignada.

BEATA

É o cálice! Ainda está aí!

MINHA TIA

Não vai abrir a igreja hoje, Iaiê? Dia de Santa Bárbara...

BEATA

(Lança um olhar acusador a Zé-do-Barro). Não enquanto esse indivíduo não for embora.

MINHA TIA

Quê foi que ele fez?

BEATA

Quer entrar com essa cruz na igreja.

MINHA TIA

Só isso?

BEATA

E você acha pouco? Acha que Padre Olavo ia permitir?

MINHA TIA

Ora então! Por que não? Foi promessa que ele fez?

BEATA

Foi. Mas promessa de cadáver! Pra uma tal de Iansan... que Deus me perdoe.
(Benze-se. Dirige-se para a esquerda e ao passar por Zé-do-Barro insulta-o) Hereje!
(Sobe a ladeira, seguida do olhar de comovedora incompreensão de Zé-do-Barro).

DEDÊ

(Ouvia a conversa. Para o Galego) Vou ver se Minha Tia me fia um abará. (Atravessa a praça. Não sem mostrar-se intrigado e curioso ao passar por Zé-do-Barro)
Bom dia, Minha Tia!

MINHA TIA

Bom dia, seu Dedê. (Oferece) Acarajê, abará, beiju... Ven benzer!

DEDÊ

(Aponta) Um abará. Pago daqui a pouco, quando entrar o primeiro dinheiro.

MINHA TIA

E já sabia... (Entrega o abará embrulhado numa folha de bananeira).

DEDÊ

(Referindo-se a Zé-do-Barro) Que história é essa?

MINHA TIA

O senhor ouviu?

DEDÊ

Ouvi.

MINHA TIA

(Com respeito) Obrigação pra Iansan... (Toca com as pontas dos dedos o chão e a testa).

DEDÊ

Por isso Padre não deixou ele entrar?

MINHA TIA

É... coitado.

DEDÊ

Chegou a fechar a porta.



MINHA TIA

O senhor entende?

DEDÊ

Entendo não.

MINHA TIA

O Padre é um homem tão bom.

DEDÊ

A senhora acha?

MINHA TIA

Então. Ele é tão amigo dos pobres, faz tanta caridade. Sei não.

O Guarda entra pela direita. Vai direto a Zé-do-Barro. É um homem que procura safar-se dos problemas que se lhe apresentam. Sua noção do dever coincide exatamente com o seu temor à responsabilidade. Seu maior desejo é que nada aconteça, a fim de que a nada ele tenha que impor a sua autoridade. No fundo, essa autoridade o constrange terrivelmente e mais ainda o dever de exercê-la.

GUARDA

Olá, amigo.

ZÉ

Olá.

GUARDA

(Refere-se à cruz) É para a procissão de Santa Bárbara?

ZÉ

Não.

GUARDA

Porque a procissão não sai daqui, sai do Mercado aqui perto e vai até à igreja da Saúde.

ZÉ

Não tenho nada com essa procissão.

GUARDA

E o senhor está aqui fazendo o quê? Esperando a festa? Ainda é muito cedo. São oito e meia da manhã. Só na parte da tarde é que isso pega fogo.

ZÉ

Estou aqui desde quatro e meia da manhã.

GUARDA

Quatro e meia? (Coça a cabeça, preocupado) O senhor deve ser um devoto e tanto! Mas aconteceu que escolheu um mau lugar...

ZÉ

A culpa não é minha.

GUARDA

Sim, eu sei, não foi o senhor quem inventou a festa de Santa Bárbara. Mas eu também não tenho culpa de ser guarda. Minha obrigação é facilitar o trânsito, tanto quanto possível.

ZÉ

Sinto muito, mas não posso sair daqui.

GUARDA

(Sua paciência começa a esgotar-se) Ai, ai, ai, ai, ai... eu estou querendo me entender com o senhor...

ZÉ

(Irritando-se também um pouco) Eu também estou querendo me entender com o senhor e com todo o mundo. Mas acho que ninguém me entende.

Dedê Cospe-Rima, que assistiu a toda a cena, não resiste à curiosidade e vem presenciá-la mais de perto. Minha Tia também acompanha tudo com interesse.



ZÉ

Aquela mulher me chamou de hereje, o Padre fechou a porta da igreja como se eu fosse Satanás em pessoa. Ei, Zé-do-Burro, devoto de Santa Bárbara.

DEDÊ

Mas afinal, o que é que o senhor quer?

ZÉ

Que me deixem colocar esta cruz dentro da igreja, nada mais. Depois, prometo ir embora. E já estou vexado mesmo por isto!

DEDÊ

Foi promessa. Promessa que ele fez.

GUARDA

(Raciocina, - operação que lhe parece custar tremendo esforço físico) Promessa... colocar a cruz dentro da igreja... Não vejo dificuldade nenhuma nisso. Fala-se com o padre ...

ZÉ

Se o senhor conseguir que ele abra a porta e me deixe entrar, está tudo resolvido.

GUARDA

(Pensa mais um pouco, vê que não há outra maneira de resolver o problema, dá-se) Pois bem, eu vou falar com ele. (Dirige-se para a porta da igreja. Ante os olhares de grande expectativa do Galago, de Dedê, de Minha Tia).

DEDÊ

Não vou lá ajudar também porque eu e esse padre estamos de relações cortadas. (Sai).

GUARDA

(Bate na porta várias vezes, sem resultado, encosta o rosto na porta e chama) Padre? Abra um instante, por favor!

Segundos após, abre-se uma fresta e surge por ela a cabeça do Sacristão, recioso.

GUARDA

Quero falar com o padre.

SACRISTÃO

(Certifica-se de que não há perigo, abre um pouco mais a porta).

Entre!

Guarda tira o quepe e entra. Sacristão fecha a porta rapidamente. Rosa desce a ladeira. Vem um pouco apressada, como se temesse não mais encontrá-lo ali. Mas quando vê Zé-do-Burro, diminui o passo, tranquiliza-se em parte. Não perde, entretanto, um certo ar culposo, que procura disfarçar.

ROSA

Você ainda está aí? (Nota a igreja fechada) A igreja não abriu?

ZÉ

Abriu, sim. Mas o Padre não quer me deixar entrar com a cruz.

ROSA

Por quê?

ZÉ

(Balança a cabeça, na maior infelicidade) Não sei, Rosa, não sei... Há duas horas tento compreender ... mas estou tonto, tonto como se tivesse levado um coice no meio da testa. Já não entendo nada... parece que me viraram pelo avesso e estou vendo as coisas ao contrário do que elas são. O céu no lugar do inferno... o destino no lugar dos santos.

ROSA

(Refletindo na própria experiência) É isso mesmo. De repente, a gente percebe que é outra pessoa, que sempre foi outra pessoa... é horrível



ZÉ
Mas não é possível, Rosa. Eu sempre fui um homem de bem. Sempre fui a Deus.

ROSA

(Concentrada em seu problema) ZÉ, isso está parecendo castigo!

ZÉ

Castigo? Castigo por quê? Por eu ter feito uma promessa tão grande? Por ter sido no terreiro de Ixá de Iansan? Mas se Santa Bárbara não estivesse de acordo com tudo isso, não tinha feito o milagre.

ROSA

ZÉ, esqueça Santa Bárbara. Pense um pouco em nós.

ZÉ

Em nós?

ROSA

Eu sim, ZÉ.

ZÉ

Em você?

ROSA

Sim ZÉ, em mim, sua mulher.

ZÉ

Que é que você quer? Não dormiu, não descansou?

ROSA

(Sem fiar-lo) ZÉ, vamos embora daqui.

ZÉ

Agora?

ROSA

Sim, agora mesmo.

ZÉ

Não posso. Você sabe que eu não posso antes de chegar no fim da promessa. Não ia ter sossego o resto da vida.

ROSA

Você acredita demais nas coisas.

ZÉ

É porque você não pensa no que pode acontecer.

ROSA

Mais do que já aconteceu?

ZÉ

Que aconteceu? A casinhada, as noites sem dormir, e agora ser atingido como a figura do diabo? Tudo isso é nada, comparado com o castigo que pode vir.

ROSA

Mas se o Padre não quer deixar você entrar com a cruz, que é que você ainda vai ficar fazendo aqui?

ZÉ

O Guarda foi falar com ele. Estou esperando.

(Como que desculpando-se por não pensar na situação dela) Você, se quiser, pode ir comer alguma coisa.

ROSA

(Ante a impossibilidade de comunicar a ele o seu problema) Já tomei café no hotel.

ZÉ

Mão era bom o hotel que aquele camarada arranhou?

ROSA

Muito bom. Tinha até pia no quarto e colchão de mola.



ZÉ

Fiquei um pouco preocupado.

ROSA

(Ferida pela falta de ciúmes dele) Comigo?

ZÉ

Você num hotel, sozinha. Cidade grande, a gente nunca sabe. Se bem que o moço garantiu que era hotel da família.

ROSA

Não tinha então que ter cuidado. O moço era de toda confiança. Tão amável, tão prestativo...

REPÓRTER

(Entra acompanhado do Fotógrafo) Lá está ele. (Vai a Zé, enquanto o Fotógrafo circula à procura de ângulos. O Repórter é vivo e perspicaz. Dirige um cumprimento entusiasta a Zé-do-Burro) Bom dia, amigo! (Aperta afusivamente a mão de Zé-do-Burro) Parabéns! O senhor é um herói.

ZÉ

(Olha-o com estranheza) Herói?

REPÓRTER

(Com entusiasmo) Sim, sete léguas carregando esta cruz. (Calcula o peso) Pesada, he? Sete léguas... quarenta e dois quilômetros. A maior marcha que eu fiz foi de vinte e quatro quilômetros, no Serviço Militar. E o fuzil não pesava tanto assim. (Ri, mas seu riso marcha como um balão, ante o ar de desconfiança de Rosa e Zé-do-Burro) Oh, desculpe... eu sei que o senhor fêz uma promessa. A comparação não foi muito feliz... (Para o Fotógrafo) Carijó, pode bater uma chapa. (Posa de frente para Zé-do-Burro, de caderno e lápis em punho) Finje que está falando comigo.

ZÉ

(Começa a impacientar-se) Finjiz que estou falando... pra quê?

REPÓRTER

E dentro de algumas horas o Brasil inteiro vai saber. O senhor vai ficar famoso.

ZÉ

(Contrariado) Mas eu não quero ficar famoso, eu quero...

ROSA

(Interrompe, em tom de repreensão) Que é isso, Zé. Seja mais delicado com o moço. Ele é da gazete...

REPÓRTER

Mulher dele?

ROSA

Sou. Também andei sete léguas - meu pé tem cada calo d'água deste tamanho.

REPÓRTER

Marevilhoso. E em quanto tempo cobriram o percurso?

ROSA

(Não entendem) Como?

REPÓRTER

Quero dizer quando saíram de lá, de sua cidade?

ROSA

Dá roça. Saímos ontem de manhãzinha. Cinco horas da manhã.

REPÓRTER

A que horas chegaram aqui?

ROSA

Antes das cinco.



REPÓRTER

Fizeram o percurso então em 24 horas. Com uma cruz que deve pesa... (Olha... interrogativamente para Zé-do-Burro).

ZÉ

(Contrariado) Não sei, não pesei.

REPÓRTER

Por menos que pese, é um "record"! Sob este aspecto, podemos considerar um grande feito esportivo. Uma prova de resistência física... (Para Rosa) e de dedicação...

Rosa sorri, envaidecida, sentindo-se heroína também.

REPÓRTER

Mas como nasceu a idéia dessa... peregrinação? (As perguntas são feitas a Zé-do-Burro, mas este recusa-se a respondê-las).

ROSA

Não nasceu idéia nenhuma. O burro adoeceu, ia morrer - ele fez a promessa pra Santa Bárbara.

REPÓRTER

O burro? Que burro?

ROSA

O Nicolau.

ZÉ

(Irritado) Por quê? O senhor também vai achar que o meu burro não vale uma promessa?

REPÓRTER

Não, de modo algum... eu... eu apenas não sabia... então, tudo isso... quarenta e dois quilômetros... a cruz... tudo por causa de um burro... (Repentinamente, anteveendo o interesse que despertará a reportagem) Fabuloso!

ROSA

E não foi só isso. Ele prometeu também repartir o sítio com aquela cambada de preguiçosos.

ZÉ

Que preguiçosos. Gente que quer trabalhar e não tem terra.

REPÓRTER

Repartir o sítio... diga-me, o senhor é a favor da reforma agrária?

ZÉ

(Não entende) Reforma agrária? Que é isso?

REPÓRTER

É o senhor acaba de fazer... em seu sítio. Redistribuição das terras entre aquelas que não as possuem.

ZÉ

E não estou arrependido, moço. Fiz a felicidade de um bocado de gente e o que restou pra mim dá a sobra.

REPÓRTER

(Toma notas) É a favor da reforma agrária.

ZÉ

É bem verdade que se o meu burro não tivesse ficado doente, eu não tinha feito isso...

REPÓRTER

Mas, e se todos os proprietários de terra fizessem o mesmo. Se o governo resolvesse desapropriar as terras e dividi-las entre os camponeses?

ZÉ

Ah, era muito bem feito. Cada um deve trabalhar o que é seu.



REPÓRTER

(Anota) É contra a exploração do homem pelo homem. O senhor pertence a algum partido político?

ZÉ

(Com alguma vaidade, dissimulada num sorriso modesto) Já quiseram me fazer vereador... qual...

ROSA

O que atrapalhou foi o burro,

REPÓRTER

O burro? Por quê?

ROSA

Ainda ele vai, o burro vai atrás. Se ele fosse preto, o burro também tinha que ser...

REPÓRTER

É, mas desta vez, "seu"...

ZÉ

Zé-do-Burro, seu criado.

REPÓRTER

... "seu" Zé-do-Burro, o senhor será eleito com burro e tudo. (Confidencial) Escute aqui, será que essa história da promessa não é um golpe para impressionar o eleitorado?...

ZÉ

(Ofendido) Golpe?!

REPÓRTER

É de mestre! Avalie a agitação que o senhor fez com isso. Pelas estradas, no caminho até aqui, deve ter-se juntado uma verdadeira multidão para vê-lo passar.

ZÉ

É, tinha...

ROSA

Muito ufoleque também.

REPÓRTER

E imagine a volta! A chegada à sua cidade; em carro aberto, banda de música, foguetes?

ZÉ

O senhor está maluco? Não vai haver nada disso.

REPÓRTER

Vai. Vai porque o meu jornal vai promover. Só faço questão de uma coisa: que o senhor nos dê a exclusividade. Que não conceda entrevistas a mais ninguém. (Noutro tom) É claro que o senhor terá uma compensação... (Faz com o indicador e o polegar um gesto característico) e também a publicidade. Primeira página, com fotografias, o senhor e sua senhora... mandaremos fotografar também o burro - em poucas horas o senhor será um herói nacional.

ZÉ

(Profundamente contrariado) Hoje, eu acho que o senhor não me entendeu... ninguém ainda me entendeu...

REPÓRTER

(Sem lhe dar atenção) O diabo foi o senhor ter escolhido um dia como o de hoje. Sábado. Amanhã é domingo, o jornal não sai. Só segunda-feira. E o nosso Departamento de Promoções precisaria preparar a coisa... Podemos dar o furo na edição de hoje, mas o barulho mesmo só segunda-feira. Quando o senhor pretende voltar?

ZÉ

Por mim, já estava de volta.

Abre-se parcialmente a porta da igreja. O Sacristão deixa o Guarda passar e torna a fechá-la. O Guarda vem ao encontro de Zé-do-Burro, que o aguarda sem muita esperança.



GUARDA

(Balança a cabeça, desanimado) Não consegui nada.

ZÉ

O senhor falou com o Padre?

GUARDA

Falei, argumentei... não adiantou. E ainda tive que ouvir um sermão deste tamanho. Ele acha que, em vez de ir pedir para deixar o senhor entrar na igreja, eu devia levá-lo preso. Claro que eu não vou fazer isso, mas o senhor tem que podia ter arranjado uma proressinha menos complicada.

ROSA

Também acho.

GUARDA

Porque não adianta o senhor ficar aqui; o padre já disse que não abre a porta e não abre mesmo - eu conheço ele.

REPÓRTER

Ótimo! Mas isso é ótimo! Assim temos um pretexto para adiar a entrega da cruz para segunda-feira. Dará tempo então de organizarmos tudo. As entrevistas, as apresentações no rádio... e a sua volta triunfal com batedores e banda de música!

ZÉ

(Cada vez mais contrariado e mais infeliz) Não, eu vim a pé e vou voltar a pé.

ROSA

(Ela vislumbrou nas palavras do Repórter uma possibilidade confusa de libertação, ouviu-as num entusiasmo crescente) Grande! Não seja estúpido, homem! O rapaz está querendo ajudar a gente.

ZÉ

Então ele que me ajude a convencer o vigário a abrir a porta...

REPÓRTER

Eu vou já entrevistar o vigário. Mas fique certo de uma coisa: seja qual for o seu objetivo, uma publicidazinha não fará mal algum... (Pisca o olho para Zé-do-Barro, que não percebe a insinuação) Garrijó, bata mais uma chupa. (Para Zé-do-Barro) Quer fazer o favor de carregar a cruz? (Para Rosa) A senhora também.

Zé-do-Barro fica indeciso, sem palavras para traduzir a sua indignação.

ROSA

Vamos, Zé! (Empurra-o para baixo da cruz e coloca-se a seu lado, numa atitude forçada).

O Guarda também procura, discretamente, aparecer na fotografia. A cena é caricatural, com Rosa acomodando-se num sorriso de dentifício, Zé-do-Barro vergado ao peso da cruz e de sua imensa infelicidade. E o Guarda, de peito estufado, disputando honrosamente a sua participação no acontecimento.

GALINHO

(Sai da vinda, apressado e dirige-se ao Fotógrafo) Um momento! O senhor podia fazer aparecer também o meu estabelecimento? Sabe... uma publicidazinha...

Fotógrafo coloca-se de molde a aparecer, no fundo, a venda, Galinho corre para junto do balcão e põe-se.

REPÓRTER

Ótimo. Pode bater, Garrijó. O Fotógrafo bate a porta.

OMI - TAMBÉM A VIDA MAIOR

REPÓRTER

Obrigado. Esta vai sair hoje na primeira página. (Para o Fotógrafo) Vamos agora entrevistar o vigário.

ZÉ - alguma coisa

GUARDA

É melhor o senhor ir pela porta da sacristia.

ZÉ

Eu levo o senhor até lá.



REPÓRTER

(Não gosta da idéia) Não, acho melhor o senhor esperar aqui...

ZÉ

(Com decisão) Mas eu quero ir com o senhor.

REPÓRTER

(Coisa, da má vontade) Está bom. (Sai, com Zé-do-Barro e o Fotógrafo)
Cuvem-se busiñas insistentes.

GUARDA

Garanto que agora o padre vai abrir a igreja. Não há guca não tenha medo da
impressão. (Olha na direção da direita). Lá vou pra lá, que a coisa está piorando.
(Sai pela direita).

Bonitão desce a ladeira e pára na varanda. Rosa o vê e não esconde a sua emo-
ção.

BONITÃO

(Para o Galego) Uma dúpla.

GALEGO

Olá, Bonitão. Usted por aqui "de madrugada"... (Serve a cachopa).

ROSA

(Vai à venda e encosta-se no balcão, ao lado de Bonitão) Um café, moço...

BONITÃO

Ainda?...

ROSA

Ainda.

BONITÃO

Não sei como você agüenta.

ROSA

Ea também não.

BONITÃO

Ele desconfiou de alguma coisa?

ROSA

Nada. Ele só pensa na cruz e na promessa.

BONITÃO

Sabe que eu fui pra casa dormir e não consegui?

ROSA

Por quê?

BONITÃO

Fiquei pensando em você.

ROSA

Melhor que não pense.

BONITÃO

Está arrependida?

ROSA

Então,

BONITÃO

Agora é um pouco tarde.

ROSA

Não é não. Uma noite a gente pode apagar.

BONITÃO

A gente pode apagar uma porção de noites. Isso não deixa maróia.

ROSA

É mim deixou. Nem sei como ele não vê. Dá até raiva. Dá vontade de contar tu
do.

BONITÃO

Não é má idéia. Ele não é homem violento. Podia era largar você aqui na cida-



de e voltar sozinho pra roça. Isso resolvia tudo.

ROSA

Resolvia o quê?

BONITÃO

Sua vida. Você tem futuro.

ROSA

Adianta não. Minha sina é essa mesma. Às vezes eu tenho vontade, sim, de seguir a trouxa e ganhar a estrada. Mas não tenho coragem. E se tivesse, não ia saber pra onde iria.

BONITÃO ...

Quando eu era menino, fui guia de cego...

ROSA

Não estou cega. E sabia muito bem o que estava fazendo. Como sei também que sou capaz de fazer de novo, se ele não me levar daqui. Mesmo sem querer.

BONITÃO

Se você não se livrar dele, vai acabar idiota como ele.

ROSA

(Procurando uma justificativa para sua falta de coragem) Ele precisa de mim.

BONITÃO

Ele tem o burro.

ROSA

Estúpido!

BONITÃO

Não quis comparar...

ROSA

Ele é muito homem, fique sabendo!

BONITÃO...

Se é assim, por quê tem tanta sede?...

ROSA

(Ela se sente cada vez mais empurrada para ele, como para um abismo, e não vê nele, precisamente, um desejo de resistir ao salto definitivo. Há apenas a incoerente fraqueza da pessoa humana no momento das grandes decisões) Que tinha você de agora recear aqui de novo?

BONITÃO

Foi você que veio falar comigo.

ROSA

Você me obriga a fazer o que eu não quero.

BONITÃO

(Ri, cômico de seu poder de sedução) Que culpa tenho eu de ter nascido com tantas qualidades?

Ela vai voltar no centro da praça. Ele a segura pelo braço.

BONITÃO

(Baixo) Espere...

ROSA

(Idem) Está louco?

BONITÃO

Pelo jeito, ele ainda vai ficar muito tempo aí. Entendeu?

ROSA

(Solta-se dele com um safanão) Não entendo nada. Você é doido e eu estou ficando doida também.

BONITÃO

Ele não pode sair de junto da cruz. Mas você pode... pode ir descansar no hotel... ou mesmo ir rezar em outra igreja, pedir a outro santo pra ajudar a convencer o padre a abrir a porta... Um reforço sempre é bom...



Entra Zé-do-Burro, Rosa e Bonitão disfarçados.

MINHA TIA

(Detendo-o) E então?...

ZÉ

... Eles não quiseram que eu entrasse. Acha melhor falar com o Padre em particu- lar...

MINHA TIA

(Assume uma atitude de extrema simplicidade) Meu filho, eu sou "côdi" no cas- dombê da Maninha. Mais logo o terreiro está em festa. Você fez obrigação pra Ica- san, Icasan está lá pra receber!

ZÉ

(Ele não entende) Como?...

MINHA TIA

Eu leve você lá! Você leva a cruz e a santa recebe! Você fica em paz com ela!

ZÉ

Icasan...

MINHA TIA

Foi ela quem lhe atendeu!

ZÉ

Mas a igreja...

MINHA TIA

Mande o padre pro interior! Leve a sua cruz no terreiro! Eu vou com você!

ZÉ

(Hesita um pouco e por fim reage com veemência) Não, não foi num terreiro que eu disse que ia levar a cruz, foi numa igreja. Numa igreja de Santa Bárbara.

MINHA TIA

Santa Bárbara é Icasan. E Icasan está lá! Vai baixar nos seus cavalos! Vamos!

ZÉ

Não, Não é a mesma coisa. Não é a mesma coisa.

Abre-se a porta da igreja e surgem Repórter, Fotógrafo e Sacristão.

REPÓRTER

(Para o Sacristão) O senhor sabe que o padre não deixa mesmo ele entrar?

SACRISTÃO

O senhor não ouviu ele dizer? É Satanás! Satanás sob um dos seus múltiplos "disfarços!"

REPÓRTER

(Satanás disfarçado em Jesus Cristo... sabe que é um pouco forte. Em todo ca- so, isso é lá com ele. Eu confesso que não sou muito entendido na matéria. O que in- teressa é mantê-lo aqui, pelo menos até segunda-feira. Se for preciso, mandarei vir comida e bebida. Contanto que ele não vá embora antes de segunda-feira.

Zé-do-Burro dá um passo em direção à igreja. Sacristão acusta-se.

SACRISTÃO

Comlicença, senhores, com licença. (Fecha a porta, precipitadamente).
Fotógrafo vai à janela.

REPÓRTER

(Indo a Zé-do-Burro) Nada feito, meu camarada. O padre é uma rocha. (Procura estimulá-lo a resistir) Mas ele vai acabar cedendo. Se você não arredar pé daqui, ele vai ter que abrir a igreja. Eu lhe garanto. Agora a causa não é somente sua, é também do nosso jornal. E sendo do nosso jornal, é do povo!

Zé-do-Burro olha-o como se procurasse inutilmente entender um ser vindo de outro planeta.

REPÓRTER

Eu o aconselho a resistir. Afinal de contas, é um direito. Direito que o seu senhor adquiriu em 42 quilômetros de "via crucis". Eu confio no senhor. (Para Rosa)

Leia o meu jornal hoje à tarde. Vai ser um estouro. (Sai seguido do Marli e Rosa)



BONITÃO

Jornalistas, é?

ROSA

É. (Com vaidade) Tiraram o meu retrato. Será que vão publicar mesmo?

BONITÃO

Se estivesse tua, eu garantia. Assim... não sei.

Neste momento, entra Marli pela direita. Ao ver Bonitão junto a Rosa, avança para ele em atitude agressiva.

MARLI

Eu sabia!... Tinha que estar atrás de algum rabo de saia!

BONITÃO

Que é que você vem fazer aqui?

MARLI

Venho saber por que o senhor não apareceu em casa esta noite.

BONITÃO

Que casa?

MARLI

A minha casa?

BONITÃO

Estava indisposto. Fui para o meu hotel.

MARLI

(Mede Rosa de alto a baixo) Sim, eu estou vendo a sua "indisposição".

BONITÃO

(Em voz contida, mas enérgico) Não faça escândalo!

MARLI

Por quê? Está com medo do marido dela?

BONITÃO

Não estou com medo de ninguém, mas não vou deixar você fazer a senhora passar vexame!

MARLI

(Irônica) A senhora... se ela é senhora, eu sou donzela...

BONITÃO

(Autoritário) Marli, me obedeça!

MARLI

Está querendo bancar o machão na frente dela, é?

BONITÃO

Eu não tenho nada com ela!

MARLI

Você passou a noite com ela!

O resto de Zé-do-Burro se cobre de sombras e ele busca nos olhos de Rosa uma explicação. Ela não o fita.

BONITÃO

(Segura Marli por um braço, violentamente) Vamos para casa!

MARLI

Não! Primeiro quero tirar isso a limpo. Quero que essa vaca saiba que você é meu. (Com orgulho) Meu! (Grita para Rosa) Esta roupa foi comprada com o meu dinheiro! Esta e todas as que ele tem!

BONITÃO

(Perde a paciência, ameaçador) Se você não for para casa imediatamente, nunca mais eu deixo você me dar nada!

MARLI

(Deixando-se arrastar por ele na direção da direita) Ele é meu, ouviu? Fique

com seu bosto e deixe ele em paz! É meu honra! É meu honra!

Há uma pausa terrivelmente longa, na qual Zé-do-Burro apenas lentamente, sob o impacto da cama. Em seu olhar, lê-se a dúvida, e sobretudo o pavor diante de um mundo que começa a desmoronar. As luzes se apagam em resistência.



SEGUNDO QUADRO

Três horas da tarde, Zé-do-Burro e Rosa continuam no meio da praça. Ninha Tia com seu tabuleiro, na porta da Igreja, o Galego na venda, Dedê Cospe-Rima entra da direita.

"ABC da Ilhota Esmeralda", romance completo contando toda a vida de Esmeralda, desde o nascimento, no Beco das Encanêcias, até a morte, por trinta facadas, na Rua da Perdição. (Oferece a Zé-do-Burro) 10 cruzeiros...

Zé-do-Burro recusa com um gesto.

DEDÊ

(Lê, declamando)

Ai, meu Senhor do Bonfim,
dai-me muita inspiração,
dai-me rima e muita métrica
pra fazer a descrição
das penas de Esmeralda
na Rua da Perdição...

(Para Zé-do-Burro) Estava pensando... sabe que esse sus briga com o Padre dava um abecê? Quer, eu escrevo.

ZÉ

(Com decisão) Não.

DEDÊ

Por quê não quer? Abecê em versos, ficava bonito...

ZÉ

Não.

DEDÊ

Versos, que, modestia é parto, são lidos pela Bahia inteira. (Com intenção) Inclusive pelo Padre Olevo... e não é por me gabar, meu camarada, mas aqui como me vê, posta pela graça da Virgem e do Senhor do Bonfim, eu sou um homem teido! Quando eu anuncio que vou escrever um folheto contando as badalheiras desse ou daquele deputado... ah, menino, não tarda o fulano me procurar pra adotar meus versos. (Faz com os dedos um sinal característico de dinheiro). Se eu anunciar nesta tabuleta que vou escrever o "ABC de Zé-do-Burro", tenho certeza que o Padre abre logo a porta e vem ele mesmo carregar a cruz.

Zé olha-o com desconfiança.

ROSA

Que é preciso pra isso?

DEDÊ

Bem, o consentimento dele, em primeiro lugar. E em segundo, sabe... papel es tá pela hora da morte, a tipografia está cobrando os olhos da cara...

ROSA

Ah, é preciso pagar...

DEDÊ

Aí uns cinco contos pra ajudar. (Vai a Zé) Mas garanto o resultado.

ZÉ

(Vigorosamente) Não quero que faça nada.

DEDÊ

Olhe que o senhor se arrepende. Garanto que basta anunciar, o Padre se borra todo...



ZÉ
(Corta, irritado) Não quero, já disse!

DEDÉ

Está bem, quem perde é o senhor. O senhor é a Fozza nacional. Mestre Coca desde a ladeira, gingando o pé na vendola, é um melato alto, maculoso e ágil. Veste calças brancas "boca de sino" e camisa de meia.

COCA

Buenas.

GALEGO

Ópa?

DEDÉ

Boa tarde, Mestre Coca.

COCA

Dedé Cospe-Rina... precisa arranjar um serviço de homem, meu casarada... (Para o Galego) Me dá um porongo. (Galego serve a cachapa). (Cavendo trovões longínquos) Dia de Santa Bárbara... tem que romper trovoadas.

DEDÉ

Já largou a estiva, Mestre Coca?

COCA

Já. Descarreguei um cargueiro holandês até à uma hora e cá no mundo. Hoje, dia de Iansan, não é dia de carregar peso, é dia de vadear.

DEDÉ

Vamos ter capoeira hoje?

COCA

Mais logo. Mais logo vamos ter vadiagem. Vou jogar com Manoelzinho Sua-Ide. (Nota Zé-do-Barro) Me disseram que tinha aqui um homem querendo entrar na igreja com uma cruz e o Padre não queria deixar...

GALEGO

É esse aí.

COCA

Mas lugar de cruz não é dentro da igreja?

DEDÉ

É, mas parece que a cruz é pra Iansan, e o Padre não gostou da história.

COCA

E fechou a porta?

DEDÉ

Não é de admirar. Outro dia ele não quis proibir que eu vendesse meus livros aqui na porta da igreja?

COCA

Disse que o "ABC da Ilulata Esmeralda" era indecente. Falou isso num sermão. E de lá pra cá essas beatas quando passam por mim viram a cara, como se eu fosse a pintura do São.

GALEGO

Ho me gustan los padres. Pero esse está haciendo un buen servicio. Por causa dele a freguesia aumentou e já fui fotografado.

DEDÉ

Se ele quisasse, eu fazia o Padre abrir a porta em dois tempos.

GALEGO

Nada. Deixa el hombre aí. Quanto mais demorar, mejor...

DEDÉ

Vou dar um pulo até o Mercado de Santa Bárbara.

COCA

Ah, lá a fartença já começou é de hoje. Capoeira, roda de samba... está bom que está dando.



DEDÊ

Tem turista ?

GOÇA

Vi um gringão.

DEDÊ

Vou até lá. (Sobe a ladeira com os folhetos embaixo do braço).

ROSA

(Para o marido) Sabe que horas são? Três horas da tarde. Você não está com fome?

ZÉ

Não. Vá ali na mulher do tabuleiro, compre qualquer coisa pra você. (Pira de bolso uma nota).

Rosa tom a nota e vai a Minha Tia.

MINHA TIA

Que é, Izaiá?

ROSA

Qualquer coisa pra matar a fome.

MINHA TIA

Frecoia mesmo. É de hoje que vomincês estão aí...

ROSA

Desde manhã cedo.

MINHA TIA

(Fitando Zé-do-Barro com simpatia e incredulidade) E ele parece um homem tão bom...

SECRETARIA

(O "tira" clássico. Chapéu enterrado até os olhos, mãos nos bolsos, inspira mais receio que respeito. À primeira vista, tanto pode ser o representante da lei, como o fugitivo da lei. Entra pela direita e atravessa a cena, lentamente, em direção à janela. Ao passar por Zé-do-Barro, demora nele um olhar de desusada curiosidade). Uma dúzia. (Olha em torno, procurando alguém, consulta o relógio).

ROSA

(Durante a entrada do Secreto, esteve escolhendo alguns quitutes no tabuleiro da boiana. Recebe-os agora, embrulhados em folha de banana, das mãos da preta. Paga).

MINHA TIA

Diga a ele que não desanime, Izaiá tem fôlego!

Rosa ri, leva os quitutes para Zé-do-Barro. Este recusa com um gesto. Entra da direita o Guarda, com um jornal na mão.

GUARDA

Vejam! Primeira página com retrato e tudo! (Mostra o jornal a Rosa, que corre ansiosamente).

ROSA

Que retrato?

GUARDA

Eu também sei.

ROSA

(Examina o retrato) Hum... o senhor saiu muito bem... a cópia fiel!

GUARDA

(Sorri, vaidoso) É... eu acho que sai bem... vou levar pra minha mulher.

ROSA

Quem saiu mal fui eu... (Faz uma careta de desagrado) Horrível).

GUARDA.

Não ligue. Fotografia de goseta é assim mesmo.

ZÉ

(Sua atitude para com Rosa é agora de recalçada e surda revolta. Embora ele não pareça ter certeza ainda de sua infidelidade, instintivamente começa a perceber

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

que ela se encontra do outro lado, do lado daqueles que, por este ou aquele motivo, não o compreendem, ou fingem não compreendê-lo) Afinal, que é que diz

GUARDA

(Come se só agora lhe ocorresse ler a reportagem) Ah, sim... (Levando o jornal) Mas não seia preguiça e revolução".

ZÉ

(Estranha) Revolução?... (Espicha o pescoço e lê por cima do ombro da guarda).

GUARDA

É, revolução. Está aqui. (Continua) "Sete léguas carregando uma cruz, pela reforma agrária e contra a exploração do homem pelo homem". (Entrecolha-se sem entender).

ZÉ

Eu bem sei que aquele camarada não era certo da coisa...

GUARDA

(Continuando a ler) "Fama o vigário da paróquia de Santa Bárbara, é Santos? disfarçado. Quem será afinal Zé-do-Burro? Um místico ou um agitador? O povo olha com admiração e respeito, pelos caminhos por onde passa com sua cruz, mas o vigário expulsa-o do templo. No entanto, Zé-do-Burro está disposto a lutar até o fim! Acho que o opo não entendeu bem o seu caso. (Olha-o com certa desconfiança) Ou está fui eu que não entendi. (Dá o jornal a Zé-do-Burro) Podem ler. Mas não joguem fora. (Faz caindo a saída) Quero levar pra casa. (Sai).

ROSA

Zé, não estou gostando disso.

ZÉ

Tem tu.

ROSA

Não entendi bem o que botaram na gazeta, mas uma coisa me diz que isso não é bom.

ZÉ

(Não esconde o ressentimento que guarda dela) Bem Maria de Jesus disse. A promessa tinha que ser bem grande... Com certeza Santa Bárbara achou que não era bastante o que eu prometi e está cobrando o restante. (Fita Rosa) Ou está me castigando por eu ter prometido tão pouco.

ROSA

Então eu também estou sendo castigada...

ZÉ

Ou pode ser que esteja me fazendo passar por tudo isso pra-me experimentar. Pra ver se eu desisto da promessa. Santa Bárbara está me tentando... e ainda há pouco quase que eu caio.

ROSA

Quando?

ZÉ

Quando aquela sujeita disse tudo aquilo. O sangue me subiu na cabeça e se eu me deixei tentar tinha matado um homem ou uma mulher... Ia preso... e não podia cumprir a promessa. Pensei nisso, naquela hora, e agüentei tudo calado. Foi uma prova? Tudo isso é uma provação.

ROSA

(Agarrando-se a uma justificativa para sua própria falta) Devo ser, sim. É a única explicação pra tudo que aconteceu. Santa Bárbara me usou pra pôr você à prova.

ZÉ

Mas Santa Bárbara não teria feito isso se não conhecesse você melhor que eu...

ROSA

(Veemente) Eu senti, Zê... senti que havia uma vontade mais forte de minha me empurrando pra lá... E você ajudando. Você também é culpado. Não é você insistiu, Não é pra me desculpar, mas se tudo é obra de Santa... que é que eu podia fazer?

ZÊ

Podia resistir à tentação, como eu tenho resistido.

ROSA

Era diferente. Não era mim que ela estava pondo à prova. Era você. E se ela é santa, se ela pode fazer milagre, pode me obrigar a fazer o que eu não quero, ou me obrigar. Pode botar o diabo no meu corpo, como botou. Mas isso não vai acontecer mais. Aho até que isso nem aconteceu. Pois se foi uma provação divina...

ZÊ

(Não muito convencido) Esse assunto nós vamos resolver depois, na volta. (Lê o jornal).

Entra Bonitão pela direita e vai diretamente à janela. Aproxima-se do Secre^{ta}. Traz um jornal em baixo do braço.

BONITÃO

(Da voz baixa, disfarçadamente) Você veio depressa. (Para o Galego) Uma dose, Galego serve.

SECRETARIA

(Idem) Que é que você quer falar comigo? Se é sobre a sua volta à Polícia...

BONITÃO

(Corta, sorrindo) Não, nada disso. Nem estou pensando mais em voltar. Estou muito bom de vida.

SECRETARIA

Mas tome cuidado. Estão com sua ficha em dia...

BONITÃO

(Ri) Não acredito. Vocês vivem cosendo mosca. Olha aí... (Indica, com o olhar, Zê-do-Burro) No meu tempo, esse cabra já estava no cilindro. (Entre tom) E vocês me expulsaram...

SECRETARIA

Quem é ele?

BONITÃO

(Mostrando o jornal) Toem, leia... Vocês nem lêem gazeta e querem estar em dia. (O Secre^{ta} põe-se a ler o jornal atentamente, dando de vez em quando, uma mira^{da} para Zê-do-Burro, como a comprovar as afirmativas. Bonitão atira uma nota sobre o balcão).

SECRETARIA

Você já conversou com ele?

BONITÃO

Já. O homem é perigoso. Banca o anjo de procição, mas não é à toa que o padreco dali de frente fechou a igreja e jurou que ele não entra.

SECRETARIA

É, mas a coice é esquisita.

BONITÃO

Eu, se fosse você, "guardava" ele por uns dias...

SECRETARIA

Também não pode ser assim. Tem que investigar, depois comunicar ao Comissário.

BONITÃO

Qual, vocês não sabem trabalhar. Lá o flagra no homem!

SECRETARIA

Flagra de que? Ele não está fazendo nada...



BONITÃO

Como não? Agitação social!

SECRETA

Venha comigo:

BONITÃO

(Iniciando a passagem) Ele vai lhe contar a história de um burro, mas não vá nessa conversa.

... GALERO

(Para Mestre Coca) Felícia... estão querendo prender el hombre!

COCA

Está certo, não. Fazer promessa não é crime.

Zé-do-Barro recebe Bonitão e Secreta com desconfiança.

Rosa mostra certo constrangimento diante de Bonitão. Este apresenta o Secreta.

BONITÃO.

Um amigo. Quer conversar com vocês... quer ajudar.

SECRETA

Olá!

ZÉ

(Dentro dele, uma revolta de proporções imprevisíveis começa a crescer) Ajudar... todo o mundo quer ajudar... (Arrebata o jornal das mãos de Rosa e o faz em pedações).

ROSA

(Assustada) Não faça isso, homem! É do Guarda! Ele pediu pra guardar!

ZÉ

O Guarda também quer ajudar. (Repete como uma obsessão) Todos querem ajudar... (Sem olhar, que começa a ser agora um olhar de fera acuada, cai sobre Bonitão) Todos...

SECRETA

O senhor sabe que suas idéias são muito perigosas?

ZÉ

Perigosas?

SECRETA

O senhor não devia dizer isso no jornal. É muito menor aqui, em praça pública. Porque isso pode lhe dar muita aporrinhão.

ZÉ

Mais do que já tive?

SECRETA

Por muito menos, tenho visto muita gente ir parar no xadrez.

ROSA

Xadrez?

SECRETA

Estou avisando como amigo.

ZÉ

Amigo, já vi que estou cercado de amigos. É amigo por todo o lado... Cada qual querendo ajudar mais do que o outro.

SECRETA

O senhor é um revoltado.

ZÉ

Não era, não. Mas estou ficando.

SECRETA

É por isso que está aqui desde esta madrugada?

ZÉ

É. (Inflamando-se) E daqui não saio enquanto não fizer com que todo mundo me entenda! Todo mundo!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



SECRETA

Como pretende fazer isso?

ZÉ

Como... sei lá... mas tem de haver um jeito... tem de haver um jeito (esperado) A vontade que eu tenho é de jogar uma bomba... (Inicia um gesto, como se atirasse uma bomba contra a igreja, mas o braço se inibiu no ar; ele percebe a heresia que ia proferir, deixa o braço cair e ergue os olhos para o céu) Que Deus me perdoe! (Secreto e furtivo troca olhares significativos, Mãe-de-Deus avista dois ou três passos em direção à igreja, isola-se do grupo e grita a plenos pulmões) Padre! Padre! (Dedê desce a ladeira e fica assistindo à cena, curioso) Padre, em nome de sete líguas pra vir até aqui? Deus é testemunha! Ainda não comi hoje?! e não vou comer até que abra a porta! Um dia, dois... um mês... vou marcar de fôrça a porta da sua igreja, Padre!

Gallego deixa a vendola e vem para o meio da praça, no momento em que surgem também na ladeira dois tocadores de berimbau, de instrumento ao pulso. Colocam-se ao lado de Mestre Coca e ficam apreciando.

ZÉ

(Gritando, alucinadamente) Padre, é preciso que me ouça, padre!

Abre-se de súbito a porta da igreja e entra o Padre. O Secretário atrás dele, arredondado. Grande silêncio. O Padre avança até o começo da escada.

PADRE

Que pretende com essa gritaria? Desrespeitar esta casa, que é a casa de Deus?

ZÉ

Não, Padre, lembrar somente que ainda estou aqui com a minha cruz.

PADRE

Estou vendo. E essa insistência na heresia nostra e quanto está afastado da igreja.

ZÉ

Entã hein, Padre. Se for assim, Deus vai me castigar. E o senhor não tem culpa.

PADRE

Tenho, sim. Sou um sacerdote. Devo relar pela glória do Senhor e pela felicidade dos homens.

ZÉ

Mas o senhor está me fazendo tão infeliz, padre!

PADRE

(Sincronamente convicto) Não! Estou defendendo a sua felicidade, impedindo que se perca nas trevas da bruxaria.

ZÉ

Padre, eu não tenho parte com o Diabo, tenho com Santa Bárbara.

PADRE

(Agora para toda a praça) Estive o dia todo estudando este caso. Consultei livros, textos sagrados. Naquele burro está a explicação de tudo. É Satanás! Só nos Satanás podia levar alguém a ridicularizar o sacrifício de Jesus.

ROSA

Não, Padre, não!

PADRE

Por quê não?

ROSA

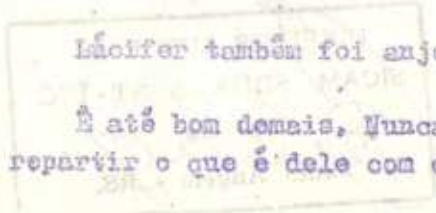
Porque eu conheço ele. É um bom homem. Até hoje só fêz o bem.

PADRE

Láçifer também foi anjo.

ROSA

É até bom demais. Nunca fez mal a ninguém, nem mesmo a um passarinho. É capaz de repartir o que é dele com os outros. De deixar de comer até... pra dar de comer!





é um burro! É um homem bom, isso eu garanto.

PADRE

Como pode garantir?

ROSA

Sou mulher dele. Vivo com ele. Durmo na mesma cama, como na mesma cama.

PADRE

Isso não quer dizer nada...

ROSA

(Com mais veemência) Como é que não?!

Entra o Guarda da direita e se detém no meio da praça.

PADRE

Ídifer iludiu o Senhor até o último momento! (Leva o dedo ao rosto) Mas eu conheço seus adreços! Mesmo quando se disfarçava sob a pele do cordeiro! Mesmo quando se escondia atrás de uma das portas! A mesma cara que querem destruir! Mas não destruirão! Não destruirão!

Neste momento, entra Monsenhor. O Padre está no auge de sua cólera. Ao ver Monsenhor, seu braço se encolhe no ar, como ante uma aparição sobrenatural.

PADRE

Monsenhor!

SACRISTÃO

Monsenhor Otaviano!

PADRE

(Grita para a praça) Deixem passar Monsenhor!

Todas as ruas passam e se curvam respeitosamente. Monsenhor avança para a igreja. Ao passar por Zé-do-Barro, este lhe cai nos pés e beija-lhe a mão.

MONSINHOR

(Enternado, magnânimo) Já sei. Estou tratando do seu caso. (Entra na igreja, seguindo do Padre e do Sacristão. Fecha-se a porta).

GUARDA

É Monsenhor Otaviano? Deve ter vindo a mando do Arcebispo!

ROSA

E o Padre ficou apavorado quando viu ele, reparou?

DEDÊ

Com certeza o Arcebispo mandou puxar as orelhas do Padre.

MIRRA TIA

Sim, feito!

GALETO

Sim, feito, nada. Se deixam el hombre entrar, prejudicam nuestro negócio.

ZÉ

(Com esperança) Será?... será que o Arcebispo chegou a saber?!

GUARDA

Ora, a cidade inteira já sabe! O rádio já deu!

COCA

Não se fala outra coisa, da Cidade Baixa até a Cidade Alta!

ZÉ

E ele vir até aqui por causa disso...

ROSA

É porque veio trazer alguma ordem. É ordem do Arcebispo!

DEDÊ

Mandou o Padre deixar de ser besta.

COCA

Mandou abrir a porta!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MINHA TIA

Ela disse; Iansan tem força! Agora ele vai entrar? Vai entrar!

ZÉ

Ela sabia que Santa Bárbara não ia me desaparecer!

Abre-se a porta da igreja. Surgem Monsenhor e Padre, seguidos do Sacristão.

Há um grande silêncio de expectativa.

MONSIEHOR

Venho aqui a pedido do Monsenhor Arcebispo. S. Excia. está muito preocupado com o vulto que está tomando este incidente e incumbiu-me, pessoalmente, de resolver a questão. A fim de dar uma prova da tolerância da igreja para com aqueles que se desviam dos cânone sagrados...

ZÉ

(Interrompe) Padre, eu sou católico. Não entendo muita coisa do que dizem, mas que queria que o senhor entendesse que eu sou católico. Pode ser que eu tenha errado, mas sou católico.

MONSIEHOR

Fois bem. Vamos lhe dar uma oportunidade. Se é católico, renegue todos os atos que praticou por inspiração do Diabo e volte ao seio da Santa Mãre Igreja.

ZÉ

(Sem entender) Como, Padre?

MONSIEHOR

Abjure a promessa que fez, reconheça que foi feita ao Demônio, atire fora essa cruz e venha, sozinho, pedir perdão a Deus.

ZÉ

(Com um terrível conflito de consciência) O senhor acha mesmo que eu devia fazer isso??

MONSIEHOR

É sua única maneira de salvar-se. A igreja católica concede a nós, sacerdotes, o direito de trocar uma promessa por outra.

ROSA

(Incitando-o a ceder) Zé... talvez fosse melhor...

ZÉ

(Angustiado) Mas Rosa... se eu faço isso, estou faltando à minha promessa... seja Iansan, seja Santa Bárbara... estou faltando...

MONSIEHOR

Com a autoridade de que estou investido, eu o liberto dessa promessa, já disse. Venha fazer outra...

PADRE

Monsenhor está dando uma prova de tolerância cristã. Resta agora você escolher entre a tolerância da Igreja e a sua própria intransigência.

ZÉ

(Pausa) O senhor me liberta... mas não foi ao senhor que eu fiz a promessa, foi a Santa Bárbara. E quem me garante que como castigo, quando eu voltar pra minha roça não vou encontrar meu burro morto.

MONSIEHOR

Decida! Renega ou não renega?

MINHA TIA

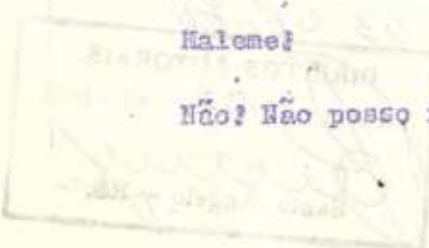
Eparrei! Malera pra ele, minha mãe!

COCA

Malera!

ZÉ

Não! Não posso fazer isso! Não posso arriscar a vida do meu burro!





PADRE

Então é porque você acredita mais na força do demônio do que na força de Deus?
É porque tudo que fez foi mesmo por inspiração do diabo!

SENHOR MEHOR

Nada mais posso fazer então. (Atravessa a praça e sai)

ZÉ

(Corre na direção do Senhor) Senhor! Me deixe explicar! (No auge do desespero) Me deixe explicar!

PADRE

Que ninguém agora nos acuse de intolerantes. E que todos se lembrem das palavras de Jesus: "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam a muitos".

ZÉ

Padre, eu não quero enganar ninguém.

PADRE

Enganaria a muitos, sim. E muitos o seguiriam ao sair daqui.

ZÉ

Eu não quero que ninguém me siga!

PADRE

Não seguiriam, como já o seguiram pelas estradas, sem saber que seguiram a Satanás!

ZÉ

(Subitamente fora de si, corre para a cruz, levanta-a nos braços como um anjo te e grita) Padre! Por Santa Bárbara ou por Satanás, vou colocar esta cruz dentro da igreja, custe o que custar!

PADRE

(Ante a decisão que vê estagnada no rosto de Zé-do-Burro, re-encarantado) Eis a prova: um católico não ousa invadir a casa de Deus! Guarda! Prenda esse homem! (E ante a investida de Zé-do-Burro, que caminha para a igreja, corre seguido do Sacristão e fecha a porta no momento mesmo em que Zé sobe os degraus. Este, revoltado e viciado, atira a cruz contra a porta. A cruz tomba, estrepitosamente, sobre a escada. Zé-do-Burro senta-se num dos degraus e esconde o rosto entre as mãos).

ROSA

(Para os tocadores de berimbau) Fiquem aqui. Vou chamar o resto do pessoal... (Sobe a ladeira).

DONITÃO

(Para o Secreto) Que está esperando?... Não está convencido ainda?...

SECRETA

(Faz um sinal afirmativo com a cabeça) Espere... (Sai pela direita)

ROSA

(Que percebeu a troca de palavras entre o Secreto e Donitão) Espere o quê? Quem é ele?

DONITÃO

Um secreto.

ROSA

(Começando a compreender) Polícia! Você...? Você denunciou...?!

DONITÃO

Daqui a pouco, você vai ficar livre desse idiota.

ROSA

(Horroriza-se ante a idéia da traição) Você não devia ter feito isso! Não devia!

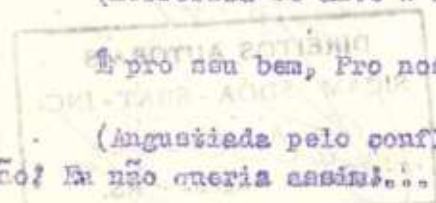
DONITÃO

É pro seu bem, Pro nosso bem.

ROSA

(Angustada pelo conflito de consciência que se esposa dela) Não... assim, não? Eu não queria assim!...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025





BONITÃO

Agora... está feito.

Rosa se debate em seu conflito; de um lado, sua noção de lealdade gerando um repúdio natural à delação. De outro, todos os seu recalques sexuais, sua ânsia de libertação, de realização mesmo, como mulher, que Bonitão veio despertar. Enquanto isso, Zé-do-Burro, sentado nos degraus da igreja, sofre uma crise nervosa. Solta-se convulsivamente. Os tocadores de berimbau fazem gemer a corda de seus instrumentos.

E lentamente, enquanto as luzes de casa se apagam, CAÍ O PAÍO.

[Faint handwritten signature or text in a box]



TERCEIRO ATO

- roda de capoeira -

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MINHA TIA .

É o carurú de Santa Bárbara, minha gente!
A roda de capoeira se desfaz, alegremente. Todos cercam Minha Tia, que vai instalar seu tabuleiro no local costumeiro, ajudada pelos capoeiristas. Apenas os músicos continuam nos seus bancos e Mestre Coca vai à vendola. Rosa também permanece ce junto do marido, demonstrando um nervosismo, uma ansiedade crescente.

DEDÊ

O primeiro carurú é meu, Minha Tia!
Minha Tia enche um prato e coloca-o de lado, no chão.

DEDÊ

Pra quem é esse?

MINHA TIA

É pra Santa. (Enche outro prato, dá a Dedê) Agora sim, é seu.
Dedê recobe o prato e dirige-se à vendola.

COCA

(Tira do bolso uma nota e coloca-a sobre o balcão) Aposto com.

GALEGO

(Coloca uma nota sobre a de Mestre Coca) Casado.

COCA

Fica na mão de quem? (Dedê vem se aproximando) De Dedê Cospo-Rima.

DEDÊ

Também quero entrar nessa aposta.

COCA

O Galego diz que o padreco não deixa o homem entrar. Eu digo que vai acabar entrando, hoje mesmo, com cruz e tudo.

GALEGO

Entra nada. Yo conheço esse padre. Hoje com vestido decotado no entra nesta igreja. Yo mesmo já vi ele parar la missa até que uma turista americana, de calças compridas, se retirasse...

DEDÊ

Eu digo que o homem entra, mas não hoje, amanhã. O Padre quer humilhar ele primeiro, mas depois vai ficar com medo dele ir se queixar pra Santa Bárbara e vai abrir a porte.

GALEGO

Pero ustedes no entendieron la cosa. Ele no fez promessa pra Santa Bárbara. Foi para Inanna, num candablé.



COCA

E que tem isso?

GALGO

Tem que condonablê ês condonablê e igreja ês igreja.

COCA

E a Santa não é a mesma?

DEDÊ

Não, o Galgo tem razão. A santa pode ser a mesma, mas o Padre tem medo da concorrência e quer defender o seu negócio.

COCA

Mas não adianta. Inscen tem força. O homem entra.

GALGO

Mas Inscen nos todos os orinês do condonablê fazem ele entrar.

DEDÊ

Então, sim. Amanhã ele entra. (Hum tom de mistério) E não se admira se for em que finar ele entrar...

GALGO

Então?

DEDÊ

Sim, eu, Dedê Coupe-Riss.

COCA

E como?

DEDÊ

Ah, isso é segredo profissional...

COCA

Então, se ele entrar hoje, ganho eu. Se entrar amanhã, ganha você. Se não entrar, ganha o Galgo.

DEDÊ

Fechado.

COCA

Bota com pratos. (Estende a mão).

DEDÊ

(Segura o prato com u'a mão, com a outra remove os bolsons) Não tenho ainda a mão, mas de noite eu lhe dou.

COCA

(Desconfiado) Vê lá, hem? (Dá o dinheiro ao Galgo) Por via das dúvidas, fico com o dinheiro, Galgo.

MANOELZINHO

(Aproxima-se de Mestre Coca) Tá tá um bicho na capoeira, Mestre Coca.

COCA

Você é quem diz.

MANOELZINHO

Tinha ido lá pro mercado, pensando que ia ser lá a vadição; lá me disseram que tinha vindo todo mundo pro cá...

COCA

Por causa do homem da cruz.

MANOELZINHO

Diz que ele quer cumprir obrigação pra Inscen...

UM CAPOEIRA

Quer botar essa cruz lá dentro da igreja.

OUTRO CAPOEIRA

E já quiseram até prender ele.

MANOELZINHO

Só por causa disso?

UM CAPOEIRA



Não.

CAPOEIRINHO

Não pode!

COÇA

Não pode e não vão fazer. O homem não fez nada.

DEDE

(Aproxima-se de Zé-do-Barro) Amanhã... amanhã você entra, sua casaca. Ihe? garante. Vou hoje pra casa escrever a história desse padre. Sei umas coisas dele... e se precisar a gente inventa. Amanhã vou chegar aqui com uma tabuleta: "Aguardem! O padre que fechou a casa de Deus"! Vai ver se ele abre ou não abre a porta. Ou abre ou vai ter que no passar uma grata pra não publicar as verbas. (Pisca o olho e afia-se).

NINHA TIA

(Para Rosa) Não quer também, não?

ROSA

Não.

NINHA TIA

Caxara de Santa Bárbara. Antigamente a gente fazia isso o era de graça. Hoje, com a vida do jeito que está, a gente tem mesmo o que cobrar.

GALECO

(Aproxima-se a graca com um prato de sanduiches na mão e vai a Zé-do-Barro) He-re, yo no cobra nada. (Oferece) Oferta da casa.

ZÉ

Para mim?

GALECO

Si, para usted. Cachorro quente. Depois travê um cafonito.

ZÉ

Não, obrigado.

GALECO

Pode aceitar sin constrangimento. E podemos até hacer un negócio. Se usted promete no arredar pé de acá, yo me comprometo a fornecer comida e bebida gratuita mente para los dos.

ZÉ

Não, não tenho fome.

GALECO

(Muito preocupado) Pero, así usted no poderá resistir!

ZÉ

Não importa.

GALECO

(Oferece a Rosa) A senhora não quer?...

ROSA

Não entou com vontade.

GALECO

(Encolhe os ombros, conformado) Bien... (Volta à venda).

ZÉ

(Ele observa a intranquilidade indisturável de Rosa, que a todo o momento olha arredada para a ladeira ou para a rua, esperando ver surgir a policia) Que é que você tem?

ROSA

Nada. Quería era ir embora.

ZÉ

Sozinha?

ROSA

Não, com você.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ZÉ

(Com intenção) Peanei que estivesse farta de mim.

ROSA

(Harmonicamente) Retou farta é dessa palhaçada. Detemos aqui barandão de bobos. Toda essa gente está rindo de nós, Zé! Quem não está rindo, está querendo se aproveitar. É uma gente má, que só pensa em fazer mal. (Sacode-o pelos ombros, como para chamá-lo à realidade) Largue a cruz onde está, Zé, e vamos embora pra nossa roça, antes que seja tarde demais!

ZÉ

De que é que você está com medo?

ROSA

De tudo.

ZÉ

Não é de você mesma?

ROSA

Também! Mas já não vou eu quem corre perigo, é você.

ZÉ

Que perigo?

ROSA

Você não vê? Não sente? Não respira? Está no ar!... E cada minuto que passa, aumenta o perigo. (Olha para todos os lados, como fera acuada) Esta praça está ficando cada vez menor... como se eles estivessem fechando todas as saídas. (Volta-se para ele, com recôndia) Vamos embora, Zé, enquanto é tempo!

ZÉ

(Desconfiado) Que deu em você assim de repente?

ROSA

Não é de repente, desde que chegamos que eu estou querendo voltar. Você foi que teimosou em ficar. Por mim, você tinha largado aí este cruz e voltado no mesmo pé. (Com intenção) A esta hora, já estava na estrada, longe daqui, e nada tinha acontecido...

ZÉ

Você acha que depois de andar sete léguas eu ia voltar sem cumprir a promessa?

ROSA

Você já pagou essa promessa, Zé. Não é sua culpa se há gente sempre disposta a ver demônios em toda a parte, até mesmo naqueles que estão do seu lado e que odeiam também o demônio. É gente que vai acabar enxergando na própria sombra a figura do diabo.

Abre-se a porta da igreja e surge na fresta a cabeça do Sacristão, que, ao ver Zé-do-Barro, toma a entrar e fechar a porta.

ROSA

Está vendo? O Padre mandou ver se você ainda estava aqui; não vai abrir a porta enquanto a gente não for embora. Vamos, Zé!

ZÉ

(Rege com irritação, procurando combater em si mesmo o desejo de ceder) Não, já disse que não. Só arrede pé daqui depois de levar a cruz lá dentro da igreja.

O Sacristão entra da direita e atravessa a praça em direção à vendola, observando, disfarçadamente, Zé-do-Barro. Ao vê-lo, Rosa não esconde a sua inquietação. Acompanha-o com um olhar amedrontado até a vendola.

SACRISTÃO

(Para o Galego) Uma meladinha.

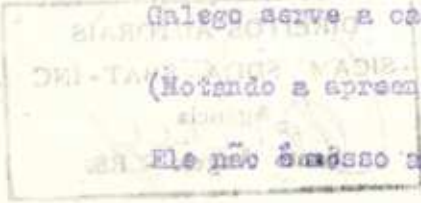
Galego serve a cachaca com mel.

ZÉ

(Notando a apreensão de Rosa) Que há?

ROSA

Ele não é mesmo amigo.





E que tem isso?

ZÉ

Ouvi dizer que é da Polícia.

ROSA

Não sou nenhum criminoso, não fiz mal a ninguém.

ZÉ

ROSA

Por isso mesmo que eu tenho medo, porque você não sabe fazer mal... e ela sabe!

Mestre Coca e Manoelzinho vão à janela, encostam-se no balcão junto do Secreta.

GALEGO

Que vai fazer com o homem?

SECRETARIA

Deixe que eu cuido disso.

COCA

Mas ele não fez nada...

SECRETARIA

(Lança a Mestre Coca um olhar de intimidação) É melhor não se meterem onde não são chamados.

Secreta bebe a cachapa de um trago, coloca uma moeda sobre o balcão e volta a atravessar a cena, com ar misterioso, saindo pela rua da direita. Mestre Coca e Manoelzinho trocam um olhar de solidariedade.

ROSA

Ele só veio ver se a gente ainda estava aqui... vamos aproveitar, antes que ele volte.

ZÉ

Deixo de bobagem. Não sou menino que quando brinca com fogo mijá na casa. (Põe-se a picar fumo com uma faguinha).

MARLI

(Entra da direita, atravessa a cena, lentamente, num andar provocante).

DEDE

(Referindo-se a Marli) Boa moça... Só que... casou com a humanidade... Mestre Coca ri

MARLI

(Na janela, para o Galego) Viu o Bonitão?

GALEGO

Já estive aqui várias vezes, hoy.

MARLI

(Referindo-se a Rosa) Eu sei... e sei também o motivo.

GALEGO

Festa de Iansan?...

MARLI

Não é bem Iansan, é outro orizã...

ROSA

(Para Xê-do-Barro) Vou ali, preciso falar com aquela mulher.

ZÉ

Que é que você ainda tem que falar com ela? Não lhe basta a vergonha que ela lhe fez passar?

ROSA

Mas eu preciso, Zé! Eu preciso! (Vai à janela. Xê-do-Barro a segue com um olhar de profunda desilusão) Preciso falar com você.

MARLI

(Hostil, estranhando) Comigo?

ROSA

Ou melhor, com ele, Bonitão. Onde está ele?



MARLI

Sujeita sem vergonha. Dá em cima do meu homem e ainda tem o descaramento de vir me pedir pra dizer onde ele está! Não lhe basta o seu? Precisa do meu pra se contentar?

ROSA

Não preciso do seu homem pra nada. Quero só falar com ele, pra evitar uma desgraça.

MARLI

(Ameaçadora) Se você quer mesmo evitar uma desgraça, o melhor é deixar ele em paz.

ROSA

Mas eu tenho que falar com ele. Juro que é assunto sério.

MARLI

Você pode enganar o trouxa do seu marido. Mas a mim, não!

ROSA

Onde ele mora?

MARLI

Hora consigo.

ROSA

Mentira. Eu sei que ele mora num hotel.

MARLI

Fois vá lá atrás dele, pra ver o que lhe acontece.

ROSA

(Reagindo) Pára com isso que eu não tenho medo de você.

MARLI

Nem eu de você.

As duas se olham desafiadoramente a ponto de quase se atracarem. Zé-do-Barro, que ouvira a discussão, aproxima-se.

ZÉ

Rosa, você perdeu a cabeça? Não sabe qual é o seu lugar? Discutindo na rua com uma... (completa a frase com um gesto de desprezo).

MARLI

Com uma o quê, seu beato pomonha? Carola dáma figa! A mulher dando em cima de homem da gente e ele agarrado aí com essa cruz! Isso também faz parte da promessa?

ROSA

Calte essa boca! Não se meta com ele. Ele não tem nada com isso!

MARLI

Não tem! Não é seu marido?

ROSA

É, mas não se rebata a discutir com você.

MARLI

(Medo-o de cima a baixo, com mais desprezo ainda) Gorno maneio? (Dá-lhe as costas, bruscamente e sobe a ladeira).

Gallego solta uma gargalhada, que corta de súbito, ante o olhar ameaçador de Zé-do-Barro. Este, num gesto instintivo, ergue a pequena faca de picar fumo.

ROSA

ZÉ?

GALLEGO

(Intimidado) Perdão... no se puede dar confiança a essas mujeres...

ZÉ

(Para Rosa, num tom que revela sua decepção, sua revolta e sua decisão de não mais deixar-se iludir) Esta noite a gente vai embora.

ROSA

E por quê não agora?

ZÉ

Vamos deixar passar o dia de Santa Bárbara.



ROSA

De noite, talvez seja tarde...

ZÉ

Tarde pra quê?

ROSA

Pra voltar!

ZÉ

O que você ainda queria falar com aquele sujeito?

ROSA

Pedir pra ele deixar você em paz.

ZÉ

A mim?

ROSA

Ele denunciou você à polícia.

ZÉ

Mas eu sou um homem de bem. Nunca tive nada com a polícia!

ROSA

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Ela sei. Mas eles torcem as coisas. Confundem tudo. (angustizada) Zé! Ouça o que eu digo. A gente devia ganhar a estrada agora mesmo. Neste minuto.

O Repórter e o Fotógrafo entram pela direita, a tempo de ouvirem a última "fal" de Rosa.

REPÓRTER

Eh, que é isso? Já estão pensando em ir embora?

ZÉ

(Hostil) Vou embora quando quiser, não tenho que dar conta disso a ninguém.* (Dá as costas ao Repórter, ostensivamente e volta para junto da cruz, na escadaria da igreja. O Fotógrafo conversa qualquer coisa com os componentes da roda de capoeira e sai seguido de Mestre Coca e mais três ou quatro).

REPÓRTER

Vocês não estão falando sério, não?... Sim, porque eu espero que vocês cumpram o que prometeram. Meu jornal está cumprindo. Já tomei todas as providências para que sua estada aqui até segunda-feira seja a mais agradável possível.

ROSA

Como?...

Neste instante, entram os capoeiristas conduzindo primeiro uma tenda de pano já armada e em seguida um colchão de molas. Na tenda, há um letreiro: Oferta da Casa da Lona. No colchão há outro: Gentileza da Loja Sonho Azul. Com enorme espanto de Zé-do-Barro e Rosa, eles colocam a barraca no meio da praça e o colchão dentro da barraca.

REPÓRTER

Fomos aos nossos clientes e eles se dispuseram prontamente a colaborar conosco.

Entra o Fotógrafo trazendo uma mesinha e um aparelho de rádio de pilha, que coloca também na barraca.

ZÉ

(Surpreso) O senhor trouxe essas coisas... pra nós?

REPÓRTER

Bem... julgamos que um pouco de conforto durante esses dias não reduzirá também o valor de sua promessa. Além disso, segunda-feira, depois da entrada triunfal na igreja, o senhor percorrerá a cidade em carro aberto, com botedores, num percurso que irá daqui até a redação do nosso jornal. De lá, irá ao Palácio do Governo, onde será recebido pelo Governador. (Zé vai dizer qualquer coisa e ele o interrompe) Já sei; vai dizer que se o vigário de Santa Bárbara não o deixar entrar em sua igreja, o Governador vai também lhe bater com a porta na cara. Não se preocupe. Já estamos mexendo os papinhos. E se o senhor puder dizer uma palavrinha a favor do candi



dato oficial nas próximas eleições, estará tudo arranjado.

ROSA

Por favor, leve tudo isso daqui. Não estamos de partida.

REPÓRTER

De partida? Não, não pode ser... isso seria um desastre para mim... O jornal já fez despesas... já compramos foguetes, contratamos uma banda de música para a volta...

ROSA

A volta vai ser hoje mesmo.

REPÓRTER

Hoje?! Mas não dá tempo!... Não está nada preparado... O que é que a senhora pensa? Que é assim tão simples organizar uma promoção de venda? É muito fácil pegar uma cruz, jogar nas costas e andar sete léguas. Mas um jornal é uma coisa muito complexa. Mobilizar todos os departamentos para dar cobertura... e depois, eu já lhe disse, amanhã é domingo, não tem jornal!

ROSA

(Irritando-se) E qual é o meu?! Que se dane o seu jornal! Eu quero é ir embora daqui! O Zé tem razão, vocês todos querem ajudar, ajudar... ajudam mas é a desgraçar a vida da gente.

REPÓRTER

Está precisando de alguma ajuda... particular?

ROSA

Estou. A Polícia anda rondando a praça.

REPÓRTER

A Polícia?

ROSA

Um segredo. Estão querendo levar ele preso.

REPÓRTER

Por quê?

ROSA

(Pensa um pouco) Talvez porque ele é bom demais... E o resto é gente safada.

REPÓRTER

Hum... bem me pareceu por trás dessa história do burro, da promessa, havia qualquer coisa... uma intenção oculta e um objetivo político. A Polícia, naturalmente, percebeu também...

ROSA

Mas ele não tem nenhuma intenção, a não ser a de pagar a promessa!

REPÓRTER

(Sorri, descrente) É claro que a senhora não vai dizer. Nem ele também. Mas podem contar comigo e com o meu jornal. Se ele for preso, daremos toda a cobertura. Abriremos manchetes na primeira página. Será uma maravilha para ele!

ROSA

Maravilha! Maravilha ser preso?!

REPÓRTER

Todo líder precisa ser preso pelo menos uma vez?

ROSA

Líder... eu acho que o senhor é maluco. O senhor, esse padre, a polícia, todos. E eu também, se não me cuidar, vou acabar ficando.

(Olha, ansiosamente, para o alto da ladeira).

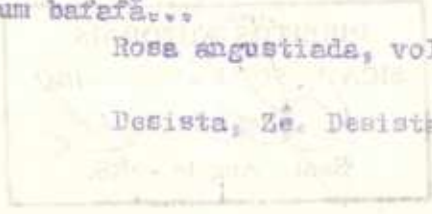
REPÓRTER

(Chama de parte o Fotógrafo) Prepare-se, que daqui a pouco é capaz de haver um bafafá...

Rosa angustiada, volta para junto do marido.

ROSA

Desista, Zé. Desista.





ZÉ

Por quê você não senta aqui e espera até a hora de ir embora?

ROSA

(Senta-se num degrau) É, o jeito é esperar...

DEDÊ

(Vai a eles com seus folhetos) E enquanto espera, deve aproveitar para melhorar sua cultura. O "ABC da Mulata Esmeralda", modestia à parte, é uma verdadeira jóia da literatura brasileira. Por 10 cruzeiros apenas, o senhor poderá ler os mais inspirados versos que uma mulata jamais imaginou.

Zé-do-Burro balança negativamente a cabeça. Dedê vai a Minha Tia.

DEDÊ

Poesia está muito por baixo, Minha Tia. Quem está por cima é o casaco. (Aproxima-se da roda de capoeira. Zé-do-Burro sobe um ou dois degraus, fita, revoltada, a porta cerrada).

MINHA TIA

(Para Zé-do-Burro) Não desanime, moço. Hoje é dia de Iansã, mulher de Xangô, Orixá dos raios e das tempestades. Mais logo, nos terreiros, ela está descendo no corpo dos seus cavalos. Vai falar com ela, moço, vai pedir a proteção de Iansã, que tudo quanto é porta há-de se abrir. (Ouvem-se trovões mais fortes que da vez anterior) Óia!... (Aponta para o céu) Iansã está saluando!... (Abaixa-se, toca a mão com a ponta dos dedos, depois a testa e saúda Iansã) Espírito, minha mãe!

Neste momento, surge Bonitão na ladeira. Rosa levanta-se, esquivada por uma moça. Zé-do-Burro, com os olhos pregados na porta da igreja, não o vê. Não vê que os olhares de Rosa e Bonitão se cruzam de um extremo a outro da praça. É que ele, da ladeira, faz para ela um gesto, convidando-a a acompanhá-lo. Rosa hesita, presa de tremendo conflito. Olha para Zé-do-Burro, para Bonitão. Este a espera, certo de que ela acabará por ir ao seu encontro. Minha Tia, Celso e Dedê percebem o que se passa e aguardam atestadamente. Vendo que ela não se decide, Bonitão dá de ombros, sorri e acata num gesto curto de despedida. Inicia a subida da ladeira, mas para depois de dar dois ou três passos, fora do ângulo visual de Rosa e Zé-do-Burro. Ela, como que atraída por um ímã, inicia o movimento para segui-lo, quando Zé-do-Burro volta-se.

ZÉ

Aonde vai, Rosa?

ROSA

(Detém-se) Vou ali, já volto.

ZÉ

Ali onde?

ROSA

No hotel onde dormi. Lembrei agora que esqueci lá o meu lenço. (Avança mais na direção da ladeira)

ZÉ

Rosa!

ROSA

(Para, já na altura da ladeira, vê Bonitão à tua espera) Que é?

ZÉ

(Num apelo e numa advertência que é quase uma súplica) Deixe esse lenço pra?

lá!

ROSA

(Hesita ainda um pouco) Não posso, Zé. Eu preciso dele!

ZÉ

Compro outro pra você, Rosa!

ROSA.

Pra quê, Zê, gastar dinheiro à toa... é daquele que eu gosto (re).

Bonitão passa o braço pela cintura dela e os dois sobem a ladeira. Dedê Cospe-Rima troca olhares significativos.



DEDÊ

(declama)

Quem corta e prepara o pau,
quem cava e faz a gamela,
toma a si todo o trabalho
e depois fica sem ela...

O sino da igreja começa a tocar as Ave-Marias. A Beata surge no alto da ladeira, apressada. Ao passar pela roda de capoeira, que novamente se anima, tem um ar de repulsa e indignação.

BEATA

Falta de respeito! Bem em frente da igreja. Este mundo está perdido!...

MINHA TIA

(Oferece) Caruru, Iaiá?

BEATA

(Para junto a ela) Quê?

MINHA TIA

Caruru de Iansan...

BEATA

(Como se ouvisse o nome do diabo) Iansan?! E que é que eu tenho com dona Iansan? Sou católica apostólica romana, não acredito em bruxarias!

MINHA TIA

Adiscurpe, Iaiá, mas Iansan e Santa Bárbara não é a mesma coisa?

BEATA

Não é não senhora! Santa Bárbara é uma santa. E Iansan é... é coisa de condomblê, que Deus me perdoe!... (banse-se repetidas vezes e sai).

DEDÊ

(declama)

Quem corta e prepara o pau
Quem cava e faz a gamela,
Toma a si todo trabalho
E depois fica sem ela.

Mestre Goca, entra correndo.

GOCA

(A Zê-do-Barro) Meu camarada, trate de ir embora! Estão lhe arrumando uma pa-tota!

ZÊ

O quê?

GOCA

Chegou um carro da Polícia! Eles estão com o Padre, na sacristia.

MINHA TIA

Vieram por causa dele?

GOCA

Então?

ZÊ

Mas eu não roubei, não matei ninguém!

DEDÊ

Quer um conselho? Experiência própria: com a polícia, é melhor fugir do que discutir.

GOCA

Ande depressa que nós agüentamos eles aqui até vocês ganhar o mundo!

Teatr
Av. Borges de Almeida
Fone 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ZÉ

Não, eu não vou fugir como qualquer criminoso, se estou com a consciência tranquila.

DEDÊ

Ele não se separa da cruz.

COCA

A gente esconde a cruz.

HEMMA TIA

E de noite ele leva ela pra Ianan.

COCA

Vamos todo mundo levar! Todos os capoeiras da Bahia!

HEMMA TIA

É a mesma coisa, meu filho! Ianan é Santa Bárbara. Lá lhe mostro lá no "peji" a imagem da santa.

COCA

É preciso se decidir, meu camarada! Antes que seja tarde.

ZÉ

(Balancea a cabeça, sentindo-se perdido e abandonado) Santa Bárbara me abandonou! Por quê, eu não sei... não sei!

ROSA

(Desce a ladeira correndo) Zé! Não adianta... não adianta mais... falei com ele, mas não adianta. A Polícia já está aí! Ven carcar a praça!

COCA

Eu não disse?

DEDÊ

É preciso andar depressa, meu irmão!

HEMMA TIA

Some daqui, meu filho!

ROSA

Vamos, Zé!

ZÉ

Santa Bárbara me abandonou, Rosa!

ROSA

Se ela abandonou você, abandone também a promessa. Quem sabe se não é ela mesma que não quer que você cumpra o prometido?

ZÉ

Não... mesmo que ela me abandone... eu preciso ir até o fim... ainda que já não seja por ela... que seja só pra ficar em paz comigo mesmo.

Subitamente, abre-se a porta da igreja e entram o Delegado, o Secreeta, o Guarda, o Padre e o Sacristão.

SECRETARIA

(Aponta para Zé-do-Barro) É esse só. (Avança para Zé-do-Barro, seguido do Delegado e do Guarda).

GUARDA

(Como que se desculpendo) Eu já cansei de pedir a ele pra sair daqui, seu Delegado, não adiantou...

DELEGADO

(Faz o Guarda calar com um gesto autoritário) Seus documentos.

ZÉ

(Estranha) Documentos?...

DELEGADO

Carteira de identidade.

ZÉ

Tenho não...



DELEGADO

Outra carteira, outro documento qualquer.

ZÉ

Nego, eu vim só pagar uma promessa. A Santa me conhece, não precisava trazer carteira de identidade.

DELEGADO

(Sorri irônico) Pagar uma promessa... pensa que nós somos idiotas.

SECRETARIA

Não demora e ele conta a história do burro...

DELEGADO

Ele vai contar essa história todas mas é na Delegacia. Vamos, acompanhe-as.

ZÉ

(Seu olhar vai do Delegado ao Secretária e ao Guarda, sem entender o que se passa) Acompanhar o senhor... pra quê?

DELEGADO

Mais tarde você verá. Sou delegado deste distrito. Obedeça.

ZÉ

Não posso. Não posso sair daqui.

DELEGADO

Não pode por quê?

GOGA

Prometua, seu Delegado. Ele é crente.

DELEGADO

O Padre disse que ele ameaçou invadir a igreja. Pediu garantias.

SECRETARIA

Ei mesmo ouvi ele dizer que ia jogar uma bomba. Todo mundo aqui é testemunha!

DELEGADO

Uma bomba, hein... Vamos à Delegacia... quero que o senhor me explique isso tudo direitinho.

SECRETARIA

Vamos, (Segura Zé-do-Burro por um braço mas este se desvencilha) Que é? Vai reagir?

GUARDA

(Apariguador) Ache melhor o senhor obedecer...

DELEGADO

Se ele reagir, pior para ele. Não estou disposto a perder tempo e conheço de sobra esses tipos. Só se entregam mesmo é à bala.

ROSA

Não?

ZÉ

Os senhores devem estar enganados. Devem estar me confundindo com outra pessoa. Sou um homem pacato, vim só pagar uma promessa que fiz a Santa Bárbara. (Aparenta para o Padre) Aí está o vigário para dizer se é mentira minha!

PADRE

É mentira, sim! É não somente mentira, também um sacrilégio!

ZÉ

Padre, o senhor não pode dizer que é mentira, que eu não fiz essa promessa!

PADRE

Sim, talvez tenha feito, por inspiração de Satanás! Há quem diga que não estamos mais em época de acreditar em bruxas. No entanto, elas ainda existem! Nada tem talvez de aspecto, como Satanás mudou de métodos. É mais fácil combatê-las agora, porque são inúmeros os seus disfarces. Mas o objetivo de todas continuam a ser um só: a destruição da Santa Madre Igreja!

217 - 11/11/66 - 1032



DELEGADO

Padre, este homem...

PADRE

Este homem teve todas as oportunidades para arrepende-se. Deus de que fiz todo o possível para salvá-lo. Mas ele não quer ser salvo.

DELEGADO

(Que ganhou decisão com o sermão do Padre) Sim, pior para ele. (Avança um passo na direção de Zé-do-Burro, que recua e fica encavalado contra a parede).

ZÉ

(Decidido a resistir) Não! Ninguém vai me levar preso! Não fiz nada pra ser preso!

DELEGADO

Se não fez não tem o que temer, será solto depois. Vamos à Delegacia.

ROSA

Não, Zé, não vá!

GUARDA

É melhor... na Delegacia o senhor explica tudo.

ZÉ

Não cáia nessa, meu camarado.

ZÉ

Agora eu decidi: só morto me levam daqui. Juro por Santa Bárbara, só morto.

SECURERA

(Vê a faca na mão de Zé-do-Burro) Tome cuidado, Chefe, que ele está armado! (Observa a atitude hostil dos capoeiras) E essa gente está do lado dele!

COCA

Estamos mesmo. E aqui vocês não vão prender ninguém!

DELEGADO

Não vamos por quê?

NENHUM ELIENIO

Porque não está direito!

DELEGADO

Estão querendo compor barulho?

COCA

Vocês que sabem...

DELEGADO

Não se metam, senão vão se dar mal!

SECURERA

E é melhor que se afatem.

ROSA

Zé!

ZÉ

Me deixa, Rosa! Não venha pra cá!

Zé-do-Burro, de faca em punho, recua em direção à igreja. Sob o um ou dois graus, de costas. O Padre vem por trás e dá uma pancada em seu braço, fazendo com que a faca vá cair no meio da praça. Zé-do-Burro corre e abaixa-se para apanhá-la. Os policiais aproveitam e caem sobre ele, para subjuguá-lo. E os capoeiras caem sobre os policiais para defendê-lo. Zé-do-Burro desaparece na onda humana, tornando-se um tipo. A multidão se dispersa como num estouro de boiada. Fica apenas Zé-do-Burro no meio da praça, com as mãos sobre o ventre. Ele dá ainda um passo em direção à igreja e cai morto.

ROSA

(Num grito) Zé! (corre para ele).

PADRE

(Num começo de reconhecimento de culpa) Virgem Santíssima!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



DILESSADO .

(Para o Secreto) Vamos buscar reforço. (Sai, seguido do Secreto)
O Padre desce os degraus da igreja, em direção do corpo de Zê-do-Barro.

ROSA

(Com raucar) Não chague perto!

PADRE

Queria encomendar a alma dele...

ROSA

Encomendar a quem? Ao Deusônio?

O Padre baixa a cabeça e volta ao alto da encada. Bonitão surge na ladeira. Mestre Coca consulta os capoeiristas com o olhar. Todos compreendem a sua intenção e respondem afirmativamente com a cabeça. Mestre Coca inclina-se diante de Zê-do-Barro, segura-o pelos braços, os outros capoeiristas se aproximam também e ajudam a carregar o corpo. Colocam-no sobre a cruz, de costas, com os braços estendidos, como um crucificado. Carregam-no assim, como numa padiola e avançam para a igreja. Bonitão segura Rosa por um braço, tentando levá-la dali. Mas Rosa o repelle com um safanão e segue os capoeiristas. Bonitão dá de ombros e sobe a ladeira. Intimidados, o Padre e o Sacristão recuam, a Beata foge e os capoeiristas entram na igreja com a cruz, sobre ela o corpo de Zê-do-Barro. Gallego, Dedê e Rosa fecham o cortejo. São Minha Tia permanece em casa. Quando uma trovoadá tremenda desaba sobre a praça.

MINHA TIA

(Encolhe-se toda, amedrontada, toca com as pontas dos dedos o chão e a teta)
Esperei, minha mãe!

E O PISO CAI LENTAMENTE.

F I M

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

